

A TRAGÉDIA DA GUERRA E O SILÊNCIO DE DEUS



EDITORIAL

"ALLAHU AKBAR! GOD BLESS AMERICA! HAGUIBOR VE'HANORÁ! In God We Trust!

O nome de Deus é invocado insistentemente nestes dias de guerra. De um e outro lado do mundo, ouvem-se preces e orações ao Deus altíssimo, todo-poderoso, onipotente e forte. O congresso dos EUA acaba de aprovar uma moção que promulga 'uma jornada nacional de contrição, de oração e de jejum para impetrar a ajuda e a guia de Deus' como 'um apelo à providência pela vitória sobre o mal'. Um voto similar foi aprovado somente quatro vezes na história do congresso dos EUA sendo que a última vez foi em 1863.

Preces, orações, invocações e apelos à providência de Deus se fazem ouvir, precisamente, na vigília da semana em que ecoa o grito lancinante do crucificado no Gólgota: 'Meu Deus, Meu Deus por que me abandonaste?'"(Marcos 15,34).

Quem grita é o Filho de Deus. E Deus silencia! Na cruz se manifesta a fraqueza de Deus, afirma Paulo de Tarso. Sim, diz Paulo, “o Cristo morreu na fraqueza de Deus” (2a Carta aos Coríntios 13,4)

Ao mesmo tempo em se fala tanto de Deus e a Deus, o silêncio de Deus voltou a ser tema de reflexão e de debate nestes dias dramáticos de guerra por sobre a nossa terra.

*Preparando-nos para a Semana Santa e a Páscoa da Ressurreição, esta edição do **IHU On-Line** quer subsidiar o debate teológico que a guerra, triste, estúpida e criminosa, suscita neste início do século XXI. As entrevistas dos teólogos M. Zeuch e J.B. Libânio, um luterano e outro católico, de H. Sobel, rabino, a palavra de João Paulo II, o artigo do filósofo M. Cacciari juntamente com os artigos dos teólogos L. Boff e J. Moltmann ajudam a refletir etico-teologicamente ‘a fúria de um mundo agonizante’ que aposta numa espécie de ‘guerra civil globalizada’, para usar, respectivamente, a aguda expressão do psicanalista Jurandir Freire Costa e a pertinente constatação de Paul Virilio no artigo e entrevista reproduzidos nesta edição. Que este **IHU On-Line** possa contribuir para que, como instituição de ensino superior jesuíta, possamos refletir criticamente sobre o momento que estamos vivendo sabendo, com perspicácia, discernir os sinais de esperança, enfim, de Ressurreição.”*

O SILÊNCIO DE DEUS

Na audiência pública de 11 de dezembro de 2002, recordando o profeta Jeremias que lamentava a fome e a angústia do povo de Israel, o Papa João Paulo II proferiu a seguinte frase:

“Além da espada e da fome, há, realmente, uma tragédia maior, que é o silêncio de Deus, que não se revela mais e parece que se fechou no seu céu, como se estivesse desgostoso do agir da humanidade”.

Frente à tragédia da guerra, essas palavras voltam a propor o tema do ‘silêncio de Deus’.

Estas palavras repercutiram intensamente na Europa e foram recordadas no Fórum Social Mundial na conferência pronunciada por Fausto Bertinotti, dirigente comunista italiano, no Gigantinho.

*Com a aproximação da Semana Santa, traduzimos e reproduzimos o artigo de Massimo Cacciari, filósofo italiano, autor de mais de vinte livros, atualmente professor de estética na Universidade de Florença. Foi deputado nacional e prefeito de Veneza pelo Partido Democrático de Esquerda – PDS. O artigo **O Deus ‘desgostoso’ de Wojtyla**, comentando as palavras de João Paulo II, foi publicado no jornal italiano **La Repubblica**, em 12 de dezembro de 2002. O **IHU On-Line** publicou uma longa e importante entrevista de M. Cacciari, na edição nº 49, de 24 de fevereiro de 2003, páginas 17-20 (versão impressa).*

O Deus desgostoso de Wojtyla

“Deus não se revela mais, parece se esconder no seu céu, em silêncio, como se fosse “desgostoso das ações da humanidade”. Com estas terríveis palavras o Papa levanta um tema que está no centro da reflexão teológica contemporânea, bem antes de Auschwitz: o silêncio de Deus ante os horrores do mundo. Mas o tema deste silêncio é puro não-sentido, se não há ninguém que o escute e o interogue. Para fazê-lo, deve-se crer com uma fé paradoxal e extrema. Deve-se crer como criam em Deus os mestres hassídicos quando, no meio das mais

atrozes perseguições, dançavam, como se consolassem a Deus pela tragédia que sofriam. Ou então é necessário que sejamos pessoas convictas de que pensar em Deus e colocar-se o problema de Deus é uma das tarefas fundamentais, se não a tarefa máxima, como afirmavam Platão e Aristóteles, do pensamento.

A indiferença como resposta. Então a pergunta que é necessário fazer é a seguinte: Como dar sentido ao problema do silêncio de Deus, se ninguém crê nele, se ninguém está convencido que pensar nele é uma questão decisiva? Daqui emerge a grandeza trágica deste Papa. Trágica porque o profeta é - literalmente - aquele que fala para um povo, e o povo o escuta. O povo pode assassinar os seus profetas como acontece com os profetas do Antigo Testamento até Jesus. Mas assassiná-los é uma forma radical de neles crer. Se a resposta, pelo contrário, é a indiferença, se frente à palavra do profeta eu continuo a andar na minha estrada, não ouço a sua pregação mas, pelo contrário, pior ainda, finjo hipocritamente obséquio, então aquele que fala não é mais um profeta. Esta é essencialmente a condição deste Papa e desta Igreja.

A Igreja deveria dizer quem são os sepulcros caiados, os hipócritas. Neste ponto, precisaríamos passar diretamente da parábola e da metáfora ao discurso. Nos evangelhos, acontece seguidamente que Jesus fala em parábolas, mas também pega no pé dos mercadores no Templo. É um gesto radical. Ou então diz que veio trazer a espada ao mundo, para dividir os sepulcros caiados, os hipócritas, daqueles que verdadeiramente crêem. Portanto, frente à tragédia não do silêncio de Deus, mas deste não ouvir o silêncio de Deus, a Igreja deveria passar da palavra para a ação, deveria dizer quem são os sepulcros caiados, quem são os hipócritas, os mercadores no Templo, os mercadores da guerra. Deveria começar a apontá-los com o dedo. Assim faziam os profetas ante o rei, arriscando serem massacrados. A grande diferença é que hoje todos vão beijar-lhe o anel.

Como escutar o silêncio?

O Papa falou também de um Deus desgostoso com as ações da humanidade. Trata-se do tema da *ira Dei*, na ótica retributiva, remunerativa que é própria de algumas partes do Antigo Testamento, das quais gosto menos. É a ótica pela qual a fome, a carestia, as guerras vêm de Deus por causa dos nossos pecados. Mas já faz tempo que a teologia se libertou deste absurdo. Pensar que Deus pune as crianças do Iraque ou do Afeganistão por causa dos pecados da humanidade me parece algo grotesco. Um dos momentos de máxima carga revolucionária do Novo Testamento é precisamente quando Jesus explicitamente exclui e condena toda e qualquer lógica remunerativa. As doenças, a dor, os desastres não são, absolutamente, um sinal de pecado. Faça o que a pessoa humana fizer, o amor de Deus por ela nunca se interrompe. O Papa não fala de um Deus vingador, mas de um Deus emudecido: e a pergunta sobre como escutar o silêncio vale tanto para o católico quanto para o não-católico, que deveria colocar-se aquelas questões que, no passado, se chamavam as 'questões últimas', aquelas questões sobre as quais pensar não quer dizer calcular, mas sim se perguntar sobre o que somos, donde viemos, qual o sentido da nossa vida. Perguntas que, talvez, não tenham resposta. Mas se, no mundo contemporâneo, as únicas interrogações sensatas são aquelas que podem ter uma resposta clara e definida, então o tema do silêncio de Deus cai no vazio".

O RUÍDO DE GUERRA E O SILÊNCIO DE DEUS

Na próxima semana, dia 10 de abril, o tema do IHU Idéias será "O ruído de guerra e o silêncio de Deus", com o Prof. Dr. Manfred Zeuch, professor da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e professor visitante da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia - CEC. IHU On-Line entrevistou o professor Zeuch para conversar sobre o tema, dada a proximidade da Semana Santa no marco da situação de conflito que estamos vivendo. Manfred Zeuch é doutor em Teologia, pela Université Marc Bloch Strasbourg II, UMB, França e

bacharel em Teologia, pela Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, CEC, Brasil. Entre seus artigos publicados, citamos **Questões fundamentais de ética**. Igreja Luterana. São Leopoldo: , v.60, n.2, p.173 - 179, 2001; **Temps et Eternité, essence et devenir, salut et jugement: conceptions eschatologiques chez Wolfhart Panenberg**. *Positions Luthériennes*. Paris: , n.3, p.285 - 307, 1999; **Os sinais do Reino: A eclesiologia e sacramentologia de Wolfhart Pannenberg**. *Caesura*. Canoas: , n.1, p.77 - 90, 1997. Ele é também editor da revista **Theophilos. Revista de Teologia e Filosofia** da ULBRA.

O grupo temático Teologia da área de concentração Teologia Pública tem estudado o artigo de Zeuch intitulado **Sobre a cientificidade da teologia e seu lugar na universidade**. *Theophilos - Revista de Teologia e Filosofia*. Canoas - ULBRA: , v.1, n.1, p.135 - 181, 2001.

IHU On-Line- Como sabemos que Deus está em silêncio diante dos horrores da guerra, tendo em conta que é tão "invocado" por ambas as partes envolvidas no conflito?

Manfred Zeuch- A convicção do silêncio de Deus diante do conflito atual e o sofrimento que causa pertence a todas as pessoas "de boa vontade" que não querem crer que Deus esteja falando através das convocações e invocações de um poderoso deste mundo que, em nome de Deus, promove o ruído de guerra e o choro agonizante das vítimas, nem que esteja falando através dos gritos e ações de uma *Jihad* preconizada por um poderoso e implacável ditador e passível de ser executada por pilotos-suicidas e homens-bomba. Não cremos, como dizia Epicuro, que Deus não queira eliminar o mal, nem que ele não seja capaz de fazê-lo. Falamos do silêncio de Deus, porque o que vemos diante de nós não se harmoniza com os atributos de amor e bem perfeitos que cremos estarem em Deus. Como ele fala? Quando e onde Deus fala sobre seu intento? Elias não encontrou Deus no ruído da tempestade, mas no silêncio da brisa. Jean-Jacques Rousseau dizia: "Homem, não procura mais o autor do mal, o autor és tu mesmo!" *Homo homini Lupus* (O homem é o lobo do homem), diziam Plauto e Hobbes. Existe uma brisa, um sopro novo pelo mundo, veio da Palestina. A reconciliação, onde o "homem" – *ecce homo!* Jesus Cristo – cuida do direito do "homem", do semelhante. Na reconciliação e no perdão, há luz no túnel. O homem de Estado e o homem de Igreja, João Paulo II, que advertiu e suplicou contra esta guerra, dizia, em 2001, que não existe paz sem justiça, não existe justiça sem perdão. Todos os cristãos de boa vontade, católicos ou protestantes, podem alinhar-se a esta proclamação. Na brisa do evangelho da reconciliação, podemos encontrar a presença, fala e ação libertadora e amorosa de Deus. Está nas mãos e ouvidos do ser humano parar para escutar, voltar, e viver. Está nas mãos dos que ouvem, levar a reconciliação ao mundo.

IHU On-Line- Que características tem o Deus de Bush, o de Saddam Hussein, e quais as diferenças do Deus do Cristianismo?

Manfred Zeuch- Creio que Saddam Hussein, como homem de Estado, não tem Deus. Ele é um chefe de Estado leigo, ditador implacável, que apenas usa o nome de Deus como recurso de reação às investidas religiosas de Bush, e para obter a simpatia de seu povo já castigado e mutilado em grande parte por sua própria responsabilidade. O Deus de Saddam Hussein é uma imagem retórica e um símbolo instrumental de unidade religiosa e nacional, mas pode tornar-se, ao mesmo tempo, uma grandeza de perspectivas inestimáveis, quando o eco de sua invocação por Saddam encontra, mundo a fora, e também, e primordialmente, dentro de seu próprio país, ouvidos islâmicos extremistas ou de povos oprimidos e esmagados, de cujas fileiras pode nascer o extremo que nós já conhecemos.

O Deus de Bush é, ao meu ver, uma deturpação fundamentalista do Deus cristão, usado como força moral e legitimadora para poderio político, geoestratégico e econômico. É um Deus dualista e nacional, que conferiria ao chefe desta guerra os poderes supramundiais de juízo sobre povos e nações, sobre moral, sobre vidas. No dizer do teólogo Schorlemmer, o Deus de Jesus Cristo não é, e nunca poderá ser, um Deus nacional, seja alemão, israelense ou

americano. Parafrazeando Drewermann: "Quem quer seguir o caminho de Jesus Cristo não pode forrar seu passeio com cadáveres".

IHU On-Line- Como escutar, interrogar e reagir diante desse silêncio de Deus?

Manfred Zeuch- Parece que a imagem tradicional do Deus que fala cedeu à imagem do Deus que cala, em nosso século. Claro que isso são figuras de linguagem metafórica aplicadas a Deus. É de convicção da teologia cristã de que Deus não somente falou como também agiu, obrou na história, e que continua a falar e a agir. A questão é saber discernir e perceber sua palavra e ação que não são imediatamente perceptíveis. O personagem bíblico Jó esteve às voltas com o silêncio de Deus, e sua dificuldade de diálogo com Deus deveu-se, especialmente, à falta de um mediador (Jó 9.33). A brisa do evangelho a que me refiro nos fala de um mediador que agora torna possível discernir o agir amoroso e poderoso, sim, de Deus. Todo silêncio aparente de Deus nos remete a Ele, o Cristo, onde encontramos a iniciativa do Pai. É preciso que nos coloquemos na escuta do Espírito deste Cristo – sua promessa e dom – que nos interpreta, como disse Jean Lévêque, o silêncio do Pai com as palavras de Jesus. Daqui existem forças que ultrapassam as forças motivadoras da violência e são capazes de atenuar a injustiça e tornar o mundo mais humano e mais digno.

IHU On-Line- Qual é a relação da Semana Santa com os fatos que estão acontecendo no Iraque?

Manfred Zeuch- A presente cena internacional atualizou, de maneira assombrosa, os confrontos político-religiosos que permearam a história humana com suas conseqüências nefastas. Mas o fez de maneira unilateral ou bipolar. Há pouco, o editor do jornal libanês "An-Nahar" afirmou ser condenável o uso da religião como arma, e que ela pode se equiparar "ao uso de armas de destruição em massa", porque seu uso é ideológico e fundamenta-se na vingança. Na semana santa, celebramos o mistério do Deus que silencia diante da violência estatal e religiosa que se abate sobre seu próprio caminho de amor. O silêncio do cordeiro nas mãos do carrasco são o mistério da salvação que fora "guardado, silenciado" anteriormente, mas agora é manifesto. Se, no Antigo Testamento, existe uma quantidade de textos que tentam compreender o silêncio de Deus na história do sofrimento humano, este tema desaparece no Novo Testamento, não sem razão. Cristo, o cordeiro hoje celebrado na Eucaristia, traz uma novidade absoluta sobre Deus, sua vida, morte e ressurreição abriram o tempo da revelação e da manifestação. Na reconciliação operada por Deus no mistério da salvação, o ser humano encontra o significado de sua origem e de seu destino. Na celebração da Eucaristia, a Igreja vive esta reconciliação e é chamada para "gritar dos telhados" para o mundo esta reconciliação. A Igreja não deve esperar que "as pedras gritem" (Lc 19.40), mas tem como incumbência levar ao mundo as forças de reconciliação que emanam de sua vida sacramental, representando simbolicamente uma humanidade em comunhão acima de todas as diferenças culturais, sociais e econômicas, porque vivendo do reinado de Deus que está em devir. Se o mundo não encontrar a paz entre as religiões, sua sobrevivência está ameaçada. O cristianismo tem a chance de levar aos homens – não a espada ou o fogo das bombas! – a Palavra da reconciliação. Onde o Corpo de Cristo, a Igreja, levar esta palavra e ação, Deus estará falando.

IHU On-Line- Qual a importância de estudar Teologia na universidade?

Manfred Zeuch- A Teologia sempre figurou, na história, entre os saberes humanos, como na cultura grega, onde figurava como ciência teórica juntamente com a Matemática e a Física. Com o surgimento da universidade, da qual ela é a própria originadora, ela ocupa lugar de liderança como "*sapientia*" e como "*scientia*". Desde então, ela vem ocupando espaço no meio universitário como expressão do interesse constitutivo do cristianismo de certificar-se da verdade da fé no campo do pensamento universal, como o expressa o teólogo luterano de

Munich, W. Pannenberg. Se as Faculdades de Teologia têm principalmente formado teólogos para as necessidades espirituais-sacerdotais das diferentes confissões eclesiais, elas também têm um papel importante na formação de teólogos profissionais leigos habilitados ao ensino religioso nas escolas públicas e privadas, de todos os níveis. A Teologia universitária, tendo uma vocação crítica e filosófica, pode formar também profissionais que, com eventual complementação em áreas específicas, poderão exercer funções como a de pesquisador, atuando em pesquisa teológica ou em coordenação de institutos teológicos ou laboratórios da ciência das religiões, ou em assessoria de imprensa; como capelão, atuando em escolas, universidades, hospitais, creches, lares de idosos, orfanatos, presídios, forças armadas, associações comunitárias e entidades filantrópicas como conselheiro, orientador e assistente religioso. A existência de teólogos qualificados não somente é vital para a religião ou a Igreja, mas para toda a sociedade, pois somente teólogos qualificados têm, como afirma R. Stehly, da Universidade Marc Bloch de Strasbourg, França, a capacidade de desempenhar o seu papel nas mediações de diversas ordens com vistas à coerência da sociedade.

IHU On-Line. Quais os maiores desafios da teologia pública no Brasil?

Manfred Zeuch- Diferente do caso da Europa, a teologia está entrando na universidade no Brasil. O governo está reconhecendo diplomas teológicos superiores. Ocorreu uma grande mudança em 1999: ainda vinte anos antes o governo havia negado o reconhecimento de um curso de Teologia na Universidade Federal do Pará. Órgãos particulares zelavam, então, pela agregação e regularização dos cursos livres, como a ASTE (Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos), no âmbito protestante. Em 1999, o CNE aprovou o diploma de graduação, que vem fundamentar o prévio reconhecimento da Pós-Graduação *stricto sensu*, abrindo um leque de possibilidades para as universidades em todo o território nacional. O primeiro curso de bacharelado foi reconhecido em 10 de abril de 2000 (Universidade Luterana do Brasil), seguindo-se outros até a data de hoje, que estão sendo autorizados para funcionamento e reconhecidos após avaliação das comissões especiais, quando correspondem aos critérios estabelecidos. Esse fato abre novos horizontes para a área neste país, ao mesmo tempo em que garante uma separação entre Igreja e Estado.

“MAIS UMA VEZ SOMAM-SE A DOR DE DEUS E A LOUCURA DOS HOMENS”

Entrevista com Pe. João Batista Libânio

Para conversar sobre o sentido da Semana Santa, que se aproxima, e sua relação com o momento histórico que estamos vivendo, IHU On-Line entrevistou o teólogo Prof. Dr. Pe. João Batista Libânio, SJ.

*João Batista Libânio, doutorou-se em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, ensina Teologia Fundamental e Sistemática no Instituto Santo Inácio - Centro de Estudos Superiores de Belo Horizonte, autor de inúmeros livros e artigos. Entre os últimos livros estão: **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002; **As lógicas da cidade. O impacto sobre a fé e sob o impacto da fé**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002; **Introdução à vida intelectual**. 2. ed. São Paulo: 2002; **A arte de formar-se**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002.*

IHU On-Line- Por que o grito de Jesus na Cruz “meu Deus, meu Deus por que me abandonaste”?

J. B. Libânio- O teólogo alemão J. Moltmann, depois da 2ª guerra mundial, com seu país derrotado, prisioneiro de guerra na Inglaterra, vendo todo o seu mundo de valor e religioso desabar, depara com essa passagem do Evangelho. Foi ela que lhe possibilitou reestruturar-se

e tornar-se o grande teólogo. O grito de Jesus ecoou-lhe no coração como expressão do sofrimento de Jesus e de Deus Pai. A dor de ambos. O silêncio de Deus é o respeito pela história dos homens e pela opção do Filho. No momento atual, esse silêncio de Deus diante do fato de os países da coligação esmagarem o Iraque, revela a mesma dor e o mesmo respeito pelo agir humano, mesmo em sua insânia.

IHU On-Line- Qual é o significado mais importante de Jesus Crucificado? Quem está crucificado hoje?

J. B. Libânio- Na cruz de Cristo, estão todos os crucificados do mundo. Jesus comunga com todos eles, ao morrer Ele mesmo numa cruz. Tudo seria um fracasso, se tudo terminasse na Cruz. O Pai não deixou seu Filho preso à cruz para sempre, perdendo-se no silêncio final e absoluto da morte. Restituiu-lhe a vida. Este é o significado maior da cruz: comunhão com os crucificados até a ressurreição, que lhes restitui a dignidade, a vida para dentro da própria eternidade de Deus.

IHU On-Line- Como podemos relacionar o mistério celebrado na Semana Santa com os fatos que estão acontecendo no Iraque?

J. B. Libânio- Mais uma vez somam-se a dor de Deus e a loucura dos homens, a ternura de Deus que recolhe os mortos e lhes devolve a vida e a multiplicação dessas “mortes antes de tempo”. Pesa sobre a humanidade a Sexta-feira Santa da guerra. Mais triste, porque é apresentada pelos poderosos como se fora Páscoa. A Páscoa cristã não é a vitória dominadora dos exércitos superarmados da coligação, mas a vida restituída por Deus aos mortos. A guerra repete a mesma trama que levou Cristo à morte. Mas não é a última palavra sobre a história. Cabe ao Deus da vida.

IHU On-Line- Como as pessoas reagem diante do sofrimento humano e como Deus olha e reage diante da pessoa que sofre?

J. B. Libânio- As situações extremas produzem efeitos antagônicos. Despertam o que há de pior ou de melhor em nós. A história recente o tem demonstrado. Dormiam no coração alemão rancores demoníacos de uma guerra perdida, de uma humilhação sofrida e vem Hitler. Eis os demônios soltos construindo campos de concentração, câmaras de gás e sacrificando milhões de judeus. O povo russo calara-se sob o império do czar, com os demônios da opressão escondidos e eis que Stalin implanta o reino do terror. Sem ir muito longe, aqui no Brasil, lá estavam eles também cochilando no coração de militares e policiais. O regime militar os põe nas salas de tortura, nas emboscadas assassinas contra os opositores do regime. E, nos EE. UU., os discursos dos chefes, as estratégias do Pentágono puseram os demônios do orgulho e prepotência americanos em pé de guerra. Este é um lado. É a Sexta-feira da paixão de nossa humanidade.

Existe Páscoa. Em todos esses exemplos dados, houve um lado de beleza, de grandeza espiritual. A Alemanha de Hitler conheceu Edith Stein, o pastor Bonhöffer, o jesuíta Delp, todos mártires, misturando seu sangue alemão ao das vítimas. Na Rússia do estalinismo, surgiram os dissidentes, com a figura grandiosa do literato A. Soljenitsin e de tantos anônimos. As ditaduras latino-americanas criaram verdadeiro martirologio de cristãos e não-cristãos, que deram a vida na luta contra os regimes militares.

Nessa guerra, não está sendo diferente. Ao lado das cenas dantescas dos bombardeios, que nos abatem e oprimem, outras nos enchem de esperança. Milhões de pessoas, especialmente de jovens, saem às ruas em todas as partes do mundo, levando a bandeira branca da paz, ostentando cartazes de “Não à guerra”, “Queremos Paz”. Nas liturgias, nas orações, nos discursos do Papa, a palavra PAZ ressoa, como uma luz de ressurreição na noite sombria da paixão do Iraque.

IHU On-Line- O que a Ressurreição de Cristo tem a dizer neste início de milênio para qualquer brasileiro ou brasileira, ?

J. B. Libânio- Há, no Brasil, a dupla guerra da violência e da miséria. Ambas crescentes. É a Sexta-feira santa brasileira. Ressuscitar com Cristo é assumir corajosa e coerentemente a causa da paz, a não-violência sem exceção, o Mutirão para superação da fome e da miséria, a Fome Zero. Todas essas iniciativas estão aí. Os sinais da ressurreição existem na objetividade da história. Cabe a cada um reconhecê-los e fazê-los sinais de sua vida.

IHU On-Line- Qual é a paz que Cristo dá após sua ressurreição e o que ela significa em nossos tempos?

J. B. Libânio- Jesus ressuscitado saudava os discípulos, dizendo-lhes: *Shalom!* Paz! Era a alegria da Páscoa, da vitória sobre a morte, do anúncio de que o algoz não triunfou nem triunfará sobre a vítima (Horkheimer), de que as misérias e guerras dos homens não prevalecerão. Nesse mesmo universo semântico da guerra, dizia O. Cullmann, que nós, cristãos, podemos perder batalhas, como foi a de não ter evitado essa 2ª Guerra do Golfo. Mas a guerra está vencida pela ressurreição de Cristo. A Guerra do Golfo não é a palavra decisiva sobre o que virá. Depois dela surgirão revisões históricas, críticas crescentes, conscientização que influenciará até mesmo os países vitoriosos. Eles se darão conta da vitória de Pirro, da sua vergonha e da evidência que nada se resolve com a guerra. Só a paz.

IHU On-Line- Por que o Sr. acha importante que se dê espaço à Teologia Pública nas universidades?

J. B. Libânio- A teologia tem duas faces. A face pessoal e a pública. É antes de tudo um caminhar daquele que crê. Interessa, em primeiro lugar, às pessoas que pretendem refletir sobre a caminhada de sua fé. *Fides quaerens intellectum*. A fé que busca inteligência. Não se faz teologia para o outro, mas para si. Portanto ela se dirige ao universo dos que crêem. Numa universidade existem tanto os que têm quanto os que não têm fé. A teologia é para os primeiros. Sob esse aspecto, o seu caráter público é restrito, diferente do das outras ciências seculares.

No entanto, a Palavra de Jesus é uma proposta, e não imposição, para todos. Enquanto a teologia reflete sobre a proposta cristã, ela goza de certa universalidade e publicidade. É uma ciência que se debruça sobre o anúncio de salvação dirigido a todos. Nesse sentido, cabe-lhe a missão de ser uma oferta universal e portanto a Universidade lhe é um lugar adequado. A teologia participa necessariamente da característica de liberdade da fé. Não tem sentido que seja obrigatória. Refiro-me à teologia e não ao discurso religioso, que toca uma dimensão humana. Cabe um discurso religioso para todos, já que ele diz respeito ao traço religioso das subjetividades. Essa característica não implica ligação institucional obrigatória a nenhuma religião, mas faz parte do ser humano como a estética, a ética. Por isso, uma universidade tem o direito de ter uma proposta pedagógica de valorizar as dimensões humanas ética, estética e religiosa. Por aí se humanizam as pessoas e oferece-se um contraponto a uma sociedade em que dominam a violência, o desrespeito aos valores fundamentais da pessoa humana, códigos artificiais de beleza e um materialismo reducionista.

HAGUIBOR VE'HANORÁ E O SILÊNCIO DE DEUS EIS UM MISTÉRIO!

Henry Sobel concedeu uma entrevista à Revista **Cult**, número 67, p. 30-31, intitulada 'A fé depois do Holocausto'. H. Sobel, rabino, é representante da Congregação Israelita Paulista. Natural dos Estados

Unidos, judeu de nascimento, está radicado, desde 1970, no Brasil. Autor de inúmeros livros, publicou na Editora Unisinos o artigo **Jesus e o Judaísmo**, no livro AQUINO, Marcelo Fernandes de (org.), **Jesus de Nazaré**, 398 páginas. Reproduzimos o seguinte extrato da entrevista, p. 31:

CULT – O que mudou na teologia judaica após a Shoah? Como interpretar o “silêncio de Deus” nos campos de concentração?

H.S. – A teologia judaica não mudou após a Shoah, como não mudou após nenhuma outra perseguição na história judaica. O *Talmud* registra um debate que se realizou depois da destruição do templo de Jerusalém. Jeremias e Daniel decidiram não mais se referir à força e ao poder divinos nas palavras tradicionais *haguibor ve’hanorá*. Recusaram-se a dizer tais palavras porque, como explicou Jeremias, “Se Seu povo foi aniquilado, onde está Sua força? E se Seu santuário foi destruído, onde está Seu poder?” Era um questionamento válido, sem dúvida, mas o fato é que as palavras *haguibor ve’hanorá* até hoje fazem parte de orações e preces diárias dos judeus. No que tange o “silêncio de Deus”, é um mistério. Mas esse mistério não surgiu durante a Segunda Guerra Mundial. Os judeus devem ter se formulado a mesma pergunta depois de cada uma das tragédias que se abateram sobre seu povo no decorrer dos tempos. Minha resposta é que Deus silenciou, por motivos que estão além da nossa compreensão, mas Ele continuou presente. Os antigos rabinos explicavam que o povo judeu é como um carneiro entre 70 lobos. Como é possível sobreviver entre 70 lobos? E os próprios sábios respondiam: “Deve haver uma força oculta protegendo o carneiro”. E essa força oculta é o único indício que temos da presença contínua de Deus. Depois do Holocausto, ainda acredito em Deus sim. Acredito por causa da sobrevivência do povo judeu e por causa da determinação dos judeus de se reerguerem das cinzas, mesmo com a fé abalada.

“MATA-SE, MATA-SE E MATA-SE”: A FÚRIA DE UM MUNDO AGONIZANTE

Reproduzimos o artigo com o título acima, escrito por Jurandir Freire Costa e publicado no jornal **Folha de São Paulo**, em 1º de abril de 2003. Jurandir Freire Costa é psicanalista e professor de Medicina Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de, entre outros, **Sem Fraude nem Favor** (Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 224 p.) e **Razões Públicas, Emoções Privadas** (Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 148 p.).

“No Iraque, dois países opulentos esmagam uma multidão maltrapilha; no Brasil, em especial no Rio, cidadãos pacatos, indigentes armados, policiais e, agora, até juizes são mortos como insetos. O que explica tudo isso?

À primeira vista, a resposta pode parecer óbvia. Por trás da guerra a Saddam Hussein, diz-se, estão os interesses das companhias de petróleo anglo-americanas, a ordem financeira internacional e a estratégia de dominação geopolítica do governo republicano dos EUA; por trás da carnificina urbana, a concentração de renda da oligarquia brasileira, o dinheiro dos chefões da droga e a corrupção de altos escalões da administração pública.

A interrogação, porém, vai além disso. Sabemos que o poder não tem escrúpulos e que a disposição para matar está potencialmente inscrita em todos nós. A questão, contudo, não são as mortes violentas, mas os motivos pelos quais se mata.

O crime contra a vida, até recentemente, buscava se apoiar em razões compatíveis com nossos credos morais básicos. As guerras entre Estados ou grupos étnico-religiosos, para se legitimarem moralmente, invocavam a defesa de valores elevados -“Deus”, “raça superior”, “libertação do proletariado”, “civilização”, “progresso”, etc. Do mesmo modo, os crimes comuns procuravam se apresentar como justo revide a ofensas físico-morais.

A cultura do respeito à vida exigia que a impiedade se ocultasse na sombra da virtude. A infração assassina se estruturava de tal maneira que o nexos entre a causa e o crime se tornava inteligível à luz dos princípios éticos dominantes.

Outra coisa são os crimes sem razão ou por razões morais irrelevantes. Nesses casos, o abismo entre a causa e o crime é tão profundo que não temos como entender, do ponto de vista moral ou emocional, o que aconteceu.

Nos dias atuais, é justamente isso que horroriza. As razões pelas quais se mata são tão irrisórias ou mentirosas que, freqüentemente, somos levados a pensar que só há duas saídas: ou damos as costas ao que vemos, ou desejamos que a lei do talião venha massacrar a baixaza, o cinismo e a brutalidade dos matadores. Em outras palavras, estamos prestes a jogar para o alto séculos de cultura humanitária, em favor de um mundo cuja escala moral é a sarjeta. Na guerra contra o Iraque, isso fica visível. A ferocidade dos agressores se torna ainda mais absurda, dada a estupidez da justificação.

Como líderes políticos das duas nações que, ao lado da França, criaram a moderna democracia ocidental foram capazes de alegar razões morais para propósitos belicosos ilegais, sabendo que se dirigiam a uma opinião pública alfabetizada e com memória?

Na delinqüência urbana, de forma análoga, para matar não são necessários maiores pretextos. Se a arma está engatilhada e o ímpeto diz sim, ai de quem está à mão! Mata-se a avó por dinheiro para comprar cocaína; uma adolescente de 14 anos morre, porque alguém quis roubar qualquer coisa no metrô e enfrentou o tiroteio da polícia; mata-se um professor universitário, porque não deveria estar ali, na hora do assalto; matam-se policiais porque são "policiais", e bandidos, porque são "bandidos".

Enfim, mata-se, mata-se e mata-se. E o mais duro é que, se perguntarmos qual a verdadeira razão de tantas mortes, a resposta vem nua e crua: mata-se para manter vivo um estilo de vida nefasto e em vias de extinção. As matanças em massa a que assistimos exprimem a fúria de um mundo agonizante. Essa monstruosidade social define e, nos últimos estertores, devora corpos e esperanças, em uma espécie de canibalismo genocida que parece saído das histórias de ficção científica.

O que chamamos de "sociedade de consumo", como mostra Campbell, nasceu da aliança entre a revolução industrial e a revolução moral protestante. O hábito de adquirir objetos para fins de ostentação social não é, por si, incompatível com o apreço por deveres morais. Pelo contrário, o consumismo, nas origens, esteve associado a ideais de liberdade individual, de valorização da intimidade, de reencantamento do convívio familiar pelo aconchego material dos lares, etc.

A amoralidade ou imoralidade do consumismo atual não se deve ao hábito de comprar bens com obsolescência programada. Deve-se à desvinculação desse hábito de qualquer pretensão ao aperfeiçoamento ético.

Isso começou a ocorrer, quando os corpos e os sentimentos passaram a ser as novas "mercadorias" de manipulação comercial e publicitária. A partir daí, o próprio estofado da moralidade, a realidade físico-emocional humana teve seu valor ético degradado, e a compra de objetos supérfluos se transformou em uma compulsão cega, alheia a seu objetivo inicial, a felicidade emocional privada.

Desde então, falamos de um "consumo" de bens materiais ou símbolos de status, sem perceber que o que está sendo verdadeiramente "consumido" é a vitalidade de nossos corpos e mentes, diariamente vendida e comprada, usada e abusada para azeitar a máquina ensandecida do lucro. Observadas de perto, as promessas da "sociedade de consumo" são espantosas. Tudo cabe numa lista tacanha, onde, de um lado, estão os meios de evasão - a cocaína, o ecstasy ou o mais novo psicotrópico contra o mais novo sofrimento existencial - e, de outro, a realidade social da qual todos querem se evadir - o tédio; a aridez da inveja e da competição; o medo do desemprego; o tormento das decepções românticas; a obsessão pela magreza e pela boa-forma; a anorexia; a bulimia; as mutilações corporais; as pancadarias adolescentes dos fins de

semana; a depressão; a insônia crônica; o estigma da obesidade; o receio da solidão; o exame fóbico das taxas de colesterol, enfim, o pavor do câncer, do infarto, da doença de Alzheimer, da "feiúra" da velhice, etc. O braço armado da "sociedade de consumo", com ou sem dragonas, mata e morre por isso. Ninguém está bombardeando o Iraque para defender a paz de espírito e o conforto emocional dos americanos, assim como nenhuma gangue carioca ou paulista mata pelo direito de amar, de ser solidário ou de viver em harmonia e dignidade junto aos seus.

Nos sujos subúrbios cariocas e paulistas ou no ronrom feltrado dos bairros chiques do dito "Primeiro Mundo", a aspiração cultural é a mesma: explorar o corpo e a alma, até o embotamento ou a exaustão, para que a insensatez da vida que se leva não pareça tão real quanto é. Philip Rieff, há quase 40 anos, pensava que o declínio da cultura trágica iria, finalmente, permitir o surgimento de uma moral das satisfações humanas, diversa do "controle consolatório", oferecido pelas morais tradicionais. Errou na previsão. A moral do "bem-estar consumista" nem nos trouxe alento nem consolação. Antes, vivíamos para a felicidade que, raramente, chegávamos a ter; hoje, matamos para continuar tendo a infelicidade que já temos.

A sociedade ocidental - o Brasil, em particular - necessita, urgentemente, de um "fome zero cultural". Mudar não basta. É preciso não agir como bestas a caminho do abatedouro. É preciso entender que o "consumismo" do qual tanto falamos não mais existe, e o que existe está com os dias contados. Os "Iraques", os "Rios" e os "11 de setembro" são o grasnar desse abutre moribundo. E, se os mais justos e decentes não tratarem de enterrá-lo logo, mais sangue e mais cadáveres vão estar presentes no cortejo de seu inevitável funeral".

A MÍSTICA DE BUSH

Leonardo Boff

*Publicamos o artigo de Leonardo Boff, intitulado **A Mística de Bush**, e publicado no site **ALAI, América Latina en Movimiento**, no dia 28 de março de 2003. Este artigo nos foi encaminhado por José Marcolan, secretário executivo do Consun. A ele nossos agradecimentos.*

"Há muitas motivações que promoveram a guerra contra o Iraque, a econômica (petróleo), a política (hegemonia planetária), a ideológica (plasmar a globalização nos moldes norte-americanos) e outras. Uma, me parece, funciona como fio de um colar que sustenta a todas. É a visão mística do Presidente Bush e de seus mais próximos colaboradores. Esta mística repousa sobre dois dados da tradição cultural norte-americana: o destino manifesto e a religião civil.

O destino manifesto (*Manifest Destiny*) foi cunhado em 1845 pelo jornalista John O'Sullivan para justificar a anexação do México e o imperialismo norte-americano. Ainda em 1900, explicava o senador por Indiana, Albert Beveridge: "Deus designou o povo norte-americano como nação eleita para dar início à regeneração do mundo". Essa ideologia esteve sempre viva na direita norte-americana e foi acenada muitas vezes por George Bush, pai e filho. Faz-se contínua referência à "nossa superioridade moral" para justificar as invenções político-militares pelo mundo afora.

A religião civil procura conferir aura cristã ao destino manifesto na forma de integrismo e fundamentalismo religioso. Os fundamentalistas tomam a Bíblia ao pé da letra e a fazem roteiro para entender a história. Assim, milhões de pessoas, seja vivendo nas periferias, seja em seus trabalhos profissionais até em centros de alta tecnologia, acreditam que estamos nos últimos dias da história. Estes são marcados pelo enfrentamento do bem e do mal, por guerras devastadoras e pela atuação do Anti-Cristo. Proximamente, dar-se-á a segunda vinda de Cristo que instaurará a era perfeita, preparando sua vinda definitiva, quando os fiéis serão arrebatados ao céu, recebendo um corpo de glória. Emergirá, então, um novo céu e uma nova Terra.

Curiosamente, o fundamentalismo hebraico americano vê, na instauração do estado de Israel, parte do processo de redenção do mundo. Reconstruído o templo, o Messias viria, trazendo a redenção para todos. Margot Patterson no conhecido semanário católico *National Catholic Reporter* (11/10/02) mostrou a colaboração existente entre estes dois fundamentalismos, cada qual com seus objetivos, mas unidos na crença do fim da história (*Will Fundamentalist Christians and Jews ignite Apocalypse?*).

É conhecida a religiosidade fundamentalista de Bush e de seus colaboradores, como o revelou a revista *Newsweek* em matéria de capa. Eles têm a profunda convicção de que Deus escolheu os Estados Unidos para salvar o mundo. Sentem-se instrumentos para essa missão divina. Todos os dias Bush levanta mais cedo para ler a Bíblia e fazer suas orações. Antes de tomar decisões, o grupo reza para que Deus os faça cumprir esta missão de forma determinada.

Agora podemos amarrar os elos: Bush se move por missão. Não precisa do aval do Conselho de Segurança. Ele tem o de Deus. É imperativo derrubar Saddam Hussein, pois ele é uma das expressões do Anti-Cristo. Apropria-se do petróleo do Iraque, porque fornece a base material para o cumprimento da missão. A globalização deve ser moldada pelos valores norte-americanos, pois só estes são queridos por Deus. Os outros não constroem o novo mundo. O trágico é que Bush está cheio de boa-vontade sem nenhuma autocrítica. Por isso, esta boa-vontade não é boa. Só produz guerra, "choque e pavor" e morte de inocentes.

TEOLOGIA PÚBLICA

DEUS NO PROJETO DO MUNDO MODERNO

Publicamos, a partir desta semana, a introdução e a primeira parte do artigo "**Deus no projeto do mundo moderno. Contribuições para se pensar a relevância pública da teologia**", de Jürgen Moltmann. Este artigo foi publicado no livro MOLTSMANN, Jürgen, **Gott im Projekt der modernen Welt. Beiträge zur öffentlichen Relevanz der Theologie**, Gütersloh: Chr. Kaiser/Gütersloher Verlagshaus, 1997; tradução italiana: **Dio nel progetto del mondo moderno. Contributi per una rilevanza pubblica della teologia**, Brescia: Queriniana, 1999, p. 9-26.

O artigo, originalmente, foi uma conferência proferida nos EUA e publicada, em 1995, pela Association of Theological Schools in the United States and Canada (Associação das Faculdades de Teologia dos EUA e Canadá), com sede em Pittsburgh. O artigo foi, posteriormente, publicado pela revista alemã **Evangelische Theologie** 55/1995 e pela revista, editada em Genebra, Suíça, **Revue de Théologie et de Philosophie** 128/1996, p. 49-65,. O texto aqui publicado foi traduzido, a partir da versão francesa e comparada com a tradução italiana.

Jürgen Moltmann, alemão, nascido em 1926, é professor emérito de teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen e é um dos mais importantes teólogos vivos na atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960e influenciou a Teologia da Libertação. É autor dos importantes livros como **Teologia da Esperança**, São Paulo: Herder, 1971 e **O Deus Crucificado. A cruz de Cristo, fundamento e crítica da teologia cristã**. Estes livros, particularmente o último, são textos fundamentais para a compreensão da Teologia da Libertação. Ele é autor, entre muitos outros livros, dos seguintes: **Deus na Criação. Doutrina Ecológica da Criação**. Vozes: Petrópolis, 1993; **O Caminho de Jesus Cristo. Cristologia em Dimensões Messiânicas**. Petrópolis: Vozes, 1994, 2ª edição; **Quem é Jesus Cristo para nós hoje?** Petrópolis: Vozes, 1997; **O Espírito da Vida. Por uma pneumatologia integral**. Petrópolis: Vozes, 1998. A Editora Unisinos está para publicar, na coleção Theologia Publica, o livro **O advento de Deus: Escatologia Cristã**, do mesmo autor.

A tradução do artigo para o português é de **Rogério Mosimann da Silva**, licenciado em Filosofia e Teologia pelo Centro de Estudos Superiores – CES, de Belo Horizonte, MG e em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre, RS. Atualmente, está concluindo o mestrado em Teoria Literária/ Letras na UFMG. Este artigo foi publicado pelo **CEPAT Informa**, Páscoa de 2000, edição especial. Os subtítulos são nossos.

Publicamos, neste número, a introdução e a primeira parte. Na próxima edição, dia 14 de abril, publicaremos a segunda parte e na edição do dia 22 de abril, a terceira e última parte.

DEUS NO PROJETO DO MUNDO MODERNO.

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA PENSAR RELEVÂNCIA PÚBLICA DA TEOLOGIA

Jürgen Moltmann

Onde está Deus?

É simples mas nem por isso menos verdadeiro que a teologia não possui senão um problema: Deus. Nós somos teólogos *por causa de Deus*, ou então não deveríamos nos chamar assim. Deus constitui nossa dignidade. Deus é nosso sofrimento. Deus é nossa esperança. Mas *onde está Deus?* Uma primeira resposta: Deus é o senhor soberano de sua própria existência. É por isso que Deus não está em *nossa religião*, *nossa cultura* ou *nossa Igreja*. Deus é *ele mesmo* em *sua presença*, em *sua shekiná* (habitação terrestre) e em *seu Reino*. Nossas Igrejas, culturas e religiões não recebem a sua verdade a não ser referidas a essa presença de Deus. Fundada em Deus, a teologia é sempre *teologia do Reino de Deus*. “Toda teologia da libertação sã e fecunda está enraizada numa teologia do Reino de Deus”, observa Gustavo Gutiérrez⁽¹⁾, o que vale igualmente para qualquer forma de teologia política.

A verdadeira teologia é pública

Como teologia do Reino de Deus, ela deve ser *teologia pública*, isto é, participação na *coisa pública*, clamor de Deus e esperança de Deus a um tempo públicos, críticos e proféticos. Por causa do Reino de Deus, o caráter público é constitutivo da teologia. A teologia como discurso público tem necessidade da liberdade institucional frente à Igreja, assim como de um lugar no espaço público das ciências. Hoje, essa liberdade deve ser defendida contra o ateísmo e o fundamentalismo⁽²⁾. Para empreender a tarefa especificamente teológica, e por isso universal,

¹ Ver G. GUTIÉRREZ. *Théologie de la Libération*. Bruxelas: Lumen Vitae, 1974. A citação se encontra na nova edição alemã de 1992, p. 242. Tradução portuguesa: *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

² Numa versão anterior do presente texto, mais extensa e ainda inédita, J. Moltmann acrescentará, entre outras, a seguinte explicação: “a dissolução da teologia em ciências da religião por um lado, e a recuperação eclesial do teológico por outro, expulsam hoje os teólogos das universidades. Investindo contra a liberdade e o caráter público da teologia, ateus e fundamentalistas concluíram uma aliança que pode ser tudo menos santa. Isso me permite um comentário pessoal. A teologia é para mim, de fato, um *sofrimento de Deus* e uma paixão pelo seu Reino. Ela é para mim uma paixão messiânica, porque a ela cabe examinar a paixão do Cristo crucificado. Para mim, a teologia emana de uma paixão divina: é a ferida aberta de Deus em minha própria vida e nos torturados desse mundo; é o clamor do Deus de Jó; é o grito do Cristo abandonado na cruz. Por isso nós não somos teólogos pelo fato de sermos particularmente religiosos, mas porque constatamos a ausência de Deus na figura do mundo. Nós clamamos por sua justiça e não nos resignamos à morte em massa sobre a Terra que é sua. Mas para mim, a teologia emana, ao mesmo tempo, do desejo divino de viver, desejo no qual fazemos a experiência da presença do Espírito Santo vivificante, para que recusemos a resignação e comecemos a amar a vida daqui *debaixo*. Estas são para mim as duas experiências de Deus feitas pelo Cristo: o desejo e a dor de Deus. Dessa tensão nasce a esperança do Reino no qual Deus está inteiramente no mundo, e o mundo está inteiramente em Deus. *Buscai primeiro o Reino de Deus...* - a quem se endereça esse *mandamento* senão em primeiro lugar aos teólogos? Quer seja concebida como doutrina da fé ou dogmática eclesial, como teologia da esperança ou da libertação, como negra ou feminista, a teologia é, pela relação a seu horizonte último e, portanto, em sua primeira paixão, sempre teologia do Reino de Deus e por isso mesmo teologia pública: discurso público em favor do

do Reino de Deus no mundo moderno, é necessário compreender a teologia que subjaz a nosso mundo moderno e apreendê-la em sua gênese mesma, permitindo reconhecer tanto a sua vitalidade quanto suas malformações genéticas.

Modernidade/Submodernidade: e os desafios para uma teologia do Reino de Deus

Com efeito, o mundo moderno é filho da esperança judaica e cristã. Assim, num primeiro momento, falarei da *gênese do mundo moderno a partir do espírito da esperança messiânica*. O problema do mundo moderno não reside unicamente em seu pluralismo, mas antes na polarização *modernidade/submodernidade*. É por isso que, na segunda parte, falarei da *contradição entre a modernidade e a submodernidade* ou, dito de outra forma, *dos tempos finais do mundo moderno*. Por fim, numa terceira parte, tentarei definir, em novos moldes, as tarefas de uma teologia do Reino de Deus. Desenvolverei, nesse quadro, a questão do *renascimento do mundo a partir do Espírito da vida*.

1ª. PARTE

A gênese do mundo moderno a partir do espírito da esperança messiânica
Os “novos tempos” do mundo moderno têm, antes da *Aufklärung*⁽³⁾, ao menos duas origens significativas:

- 1º) a *conquista*, quer dizer, a descoberta e a conquista da América a partir de 1492;
- 2º) o poderio científico-técnico do homem sobre a natureza.

1492: marco de uma nova ordem mundial

Em 1492, foi posto o fundamento de uma nova ordem mundial, que se mantém em vigor até os dias de hoje. Nesse momento, a Europa, até então periférica, foi subitamente alçada para o centro do mundo. A data de 1492 simboliza o início do poderio dos europeus sobre os outros povos e continentes, inaugurando, de acordo com Hegel, o nascimento da modernidade⁽⁴⁾. Espanhóis e portugueses, depois ingleses, holandeses, franceses, nas Américas e russos, na Sibéria “descobriram”, cada um para si, um mundo novo. Que significa então “descobrir”? “Descobrir” é mais do que encontrar qualquer coisa escondida; para aquele que descobre, trata-se também de se apropriar do *outro* e *estrangeiro*, razão pela qual ele se reveste com o nome de “descobridor”.

A América é uma invenção do pensamento europeu

Evangelho público do Reino de Deus. Como teologia do Reino de Deus, a teologia é uma função desse *Reino* e forma, na comunidade do Espírito de Deus, uma realidade não-dependente da Igreja. Ao lado das demais *tarefas* eclesiais, a teologia possui um mandato próprio do Reino de Deus. O conhecimento teológico de Deus no exílio desse mundo é antecipação da visão de Deus na pátria do Reino de Deus. Como função do Reino por vir, a teologia figura entre os outros mandatos do Reino: a política, a sociedade, a economia, a cultura e a vida pessoal”.

³ .-’ *Aufklärung*, palavra alemã, que significa Ilustração.

⁴ G. W. F. HEGEL. *La raison dans l’histoire (A Razão na História)*. Paris: Plon., 1965, p. 242: “a América é, pois, o país do futuro onde nos tempos futuros se manifestará (...) a relevância da história universal”. A insignificância, em 1492, dos povos europeus em comparação com o império otomano, o império mongol indiano e a China, é descrita de uma maneira impressionante por P. Kennedy, *Naissance et déclin des grandes puissances: transformations économiques et conflits militaires entre 1550 et 2000*. Paris: Payot, 1991. Tradução portuguesa: *Ascensão e Queda das Grandes Potências. Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1989.

A América não foi reconhecida como tal, mas foi invadida e foi moldada segundo a vontade dos “descobridores”⁵. “América” é “uma invenção do pensamento europeu”, observa o historiador mexicano Edmundo O’Gorman. Os *conquistadores* encontraram o que eles procuravam, pois eles o inventaram. A vida e a cultura próprias dos astecas e dos incas jamais foram levadas em conta, mas rechaçadas pelo fato de serem *outras* e *estrangeiras*, e sacrificadas sobre o altar da propriedade⁶. Pois ilhas, montanhas e rios certamente já tinham seus nomes indígenas desde há muito tempo. Colombo, no entanto, os batizou com nomes espanhóis e cristãos. Nomear significa apossar-se. O mesmo vale para a interdição e a opressão às línguas dos povos “descobertos”. Os mitos dos “domínios sem dono”, do “*no man’s land*” e da “selva” vieram legitimar a espoliação e as colonizações. Com a conquista da América, também o cristianismo europeu se propôs a dominar o mundo. Ele não conquistou as almas para o Evangelho, mas para o império cristão. A alternativa em matéria de decisão não era “fé ou não-fé”, mas “batismo ou morte”⁷.

A vitória da ciência e da técnica

Por outro lado, o poderio do tipo científico-técnico sobre a natureza funda também a nova ordem mundial. Durante o século que separa Nicolau Copérnico e *sir* Isaac Newton, os novos saberes desmistificaram a natureza e fizeram desaparecer dela o mistério divino que, até então, tinha sido nomeado “alma do mundo”⁸. Assim, caíram todos os tabus que geravam o respeito em relação à “Mãe-Terra” e à Vida (*das grosse Leben*). As ciências da natureza entregaram a “Mãe-Terra com seus filhos” ao homem, a fim de este se estabelecer, como disseram Francis Bacon e René Descartes, no seu vocabulário sexista e masculino, como seu “senhor e proprietário”. Também aqui há “descobertas” dignas de serem coroadas por um prêmio Nobel. Esse “descobrir” de tipo científico não apenas suprime nossa ignorância, mas estabelece uma relação entre os objetos e nós mesmos. O *Novum organum scientiarum* representa uma “ars inveniendi”, como dizia Bacon. A razão científica é a razão instrumental, uma razão na qual o interesse diretor é o lucro e a dominação⁹. Ela deixou de lado a razão receptiva, um órgão de

⁵ Sigo aqui a B. DIETSCHY, “Die Tücken des Entdeckens. Ernst Bloch, Kolumbus und die Neue Welt”, in: *Jarbuch der Ernst-Bloch-Gesellschaft* 1992/93, p. 234-51.

⁶ A. W. CROSBY, *Die Früchte des weissen Mannes. Ökologischer Imperialismus 900-1900*, Frankfurt/New York, 1991 (*Ecological Imperialism: the Biological Expansion of Europe 900-1900*, Cambridge, N.Y., 1994). Tradução portuguesa: *Imperialismo Ecológico. A Expansão Biológica da Europa: 900-1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; E. DUSSEL, 1492: *L’occultation de l’autre*. Paris: Ed. Ouvrières, 1992. Tradução portuguesa: *1492 – O Encobrimento do Outro*. Petrópolis: Vozes.

⁷ Ver T. TODOROV. *La conquête de l’Amérique. La question de l’autre*. Paris: Seuil, 1982, p. 69ss e 104ss Tradução portuguesa: *A conquista da América – a questão da América*. Ed, Martins Fontes. Ver também D. E. STANDARD. *American Holocaust. The conquest of the New World (Holocausto Americano. A conquista do Novo Mundo)*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1992. A versão mais ampla do presente texto contém essa precisão interessante: “estranhamente, a cultura europeia é a única a ter *descoberto* todas as demais culturas, ela mesma não tendo sido *descoberta* por ninguém! Não existe uma etnologia hindu, chinesa ou africana sobre as tribos europeias. Países europeus foram freqüentemente conquistados, mas nunca houve tais *descobertas* pelas quais a dominação europeia do mundo começou e se mantém até hoje. Todorov descreveu isso de um modo bastante dramático, narrando o encontro entre Hernán Cortés e Montezuma: de um lado, a razão dominadora que invade o lugar que pertencia ao outro para submetê-lo inteiramente; do outro, uma razão quase ecológica que se pergunta sobre as constelações dos astros e sua influência sobre a história humana”.

⁸ Para essa representação de uma “alma do mundo”, ver H. R. SCHLETTE, *Weltsee, Geschichte und Hermeneuti.*, Frankfurt, 1993; C. MERCHANT. *The Death of Nature. Women, Ecology and the Scientific Revolution (A Morte da Natureza. Mulheres, Ecologia e a Revolução Científica)*. San Francisco: Harper & Row, 1983.

⁹ M. HORKHEIMER / TH. ADORNO. *La dialectique de la raison* (1994). Paris: Gallimard, 1983; M. HORKHEIMER. *Théorie critique: essais*. Paris: Payot, 1978; J. HABERMAS. *Connaissance et intérêt (Conhecimento e Interesse)*.

escuta e de compreensão, bem como a *phronesis*, mais antiga, que definia a razão como sabedoria. Segundo a ***Crítica da razão pura***, de Kant, a razão moderna não é capaz de compreender senão “o que ela produz como seu próprio projeto”, obrigando a natureza a responder a suas questões (prefácio à 2ª ed.). Esse *constrangimento* exercido sobre a natureza se chama “experimentação”; no século XVIII, ela foi freqüentemente comparada à Inquisição, que recorria à tortura. Até hoje a sentença de Bacon permanece em vigor: “saber significa poder”, entendendo-se saber como o saber científico que tem poder sobre a natureza e a vida. Mediante as ciências da natureza e a técnica, a Europa atingiu esse domínio pelo saber que lhe permitiu, graças aos recursos dos mundos colonizados, construir sua civilização mundial cuja origem não é mais reconhecível hoje, uma vez que o mundo é igual, quer a gente se encontre em Frankfurt, Chicago ou Cingapura. Pela vitória das ciências e da técnica, o cristianismo adquiriu a reputação de ser a religião do Deus da vitória. A civilização ocidental vitoriosa chamou o século XIX de “o século cristão”. Uma revista com esse nome - *The Christian Century* - existe até hoje!

Deus e o ouro puxaram a ‘conquista’

E quais eram as esperanças que motivavam as descobertas européias modernas? Elas se resumem no que se convencionou chamar de *Novo Mundo*. Colombo, pode-se ver, procurava tanto o jardim divino do Éden quanto a cidade de ouro, o *Eldorado*⁽¹⁰⁾. Deus e o ouro foram as forças mais poderosas da *conquista*⁽¹¹⁾. A cidade de ouro que Colombo e outros buscavam não se destinava somente ao enriquecimento pessoal. Colombo usou também a reconquista de Jerusalém para legitimar a sua *corrida do ouro*, e se apoiou na profecia de Joaquim de Fiori, que assegurava que “da Espanha sairá aquele que restituirá a arca de Sião”. Com efeito, Jerusalém devia ser a capital do Reino dos mil anos. Colombo, mais firmemente que outros, acreditou também no paraíso terrestre. Quando ele avistou as colinas arredondadas da Venezuela, ele se espantou e escreveu em 1498 que “ali se encontra o paraíso terrestre que ninguém alcança senão pela vontade de Deus”. Ele compreendeu sua missão de uma maneira tão messiânica e apocalíptica quanto o fizeram os inúmeros conquistadores e colonos na América depois dele: “o novo céu e a nova terra”, ou, como gostam de dizer os norte-americanos, “o novo mundo”: *novus ordo seculorum*, como se pode ler no emblema dos Estados Unidos. A América, pois, estimulou profundamente a imaginação utópica da Europa. Os exemplos mais conhecidos são a *Utopia*, de Thomas Morus (1516), que explorou os relatos de viagem de Américo Vespúcio, e a *Civitas Solis*, de Thomas Campanella (1623), que tomou por modelo o Estado solar dos incas.

EUA: reservam para si um papel escatológico e redentor

E que esperança movia a civilização moderna? É aí que se encontra a grande idéia dos *tempos modernos*. O quadro mobilizador e organizador, que interpretou o poderio da Europa sobre o mundo, reside na expectativa milenarista de que os santos, quando o Cristo vier, reinarão com Ele por um período de mil anos, que julgarão com Ele os povos e que esse império do Cristo

Paris: Gallimard, 1986. Em português, respectivamente, esses livros foram publicados com os títulos: ***Dialética do Esclarecimento***. Ed. Jorge Zahar e ***Teoria Crítica – Tomo I***, Ed. Perspectiva.

¹⁰ E. BLOCH. ***Le principe espérance (O Princípio Esperança)***. Paris: Gallimard, 1976-1993, vol. 2 (1982), p. 361ss: “O Eldorado e o Éden, as utopias geográficas”, particularmente as páginas 392ss. Cf. B. DIETSCHY, *op. cit.*, p. 238ss, onde se descrevem essas representações como “a escatologia intramundana da modernidade”.

¹¹ G. GUTIÉRREZ. ***Dieu ou l'or des Indes occidentales 1492-1992. Las Casas et la conscience chrétienne (Deus ou ouro das Índias Ocidentais. Las Casas e a consciência cristã)***. Paris: Cerf, 1992.

será a idade última e dourada da humanidade antes do fim do mundo⁽¹²⁾. Não é preciso destacar quanto os *antepassados peregrinos* e os colonos piedosos que se estabeleceram no Norte da América e exterminaram os índios (*assimilados aos amalecitas*) foram marcados por esse *milénarismo*⁽¹³⁾. Pela imigração, povos europeus, depois asiáticos, criaram os Estados Unidos; eles deixaram as suas marcas na cultura desse país, impulsionando-o ao topo das nações do mundo. Os Afro-Americanos contribuíram pela escravidão e a libertação da qual eles foram objeto. O país dos Indo-Americanos, dos Euro-Americanos, dos Afro-Americanos, dos Hispano-Americanos e dos Ásio-Americanos é habitado por uma nação composta de uma multiplicidade de povos: *e pluribus unum*. Os Estados Unidos são essa tentativa única e moderna de uma representação universal da humanidade, e por essa mesma razão eles representam também um perigo único⁽¹⁴⁾. Ainda hoje todo presidente norte-americano invoca em seu discurso inaugural “a fé messiânica de nossos pais”; o papel escatológico da América (*the millennial role of America*) aparece em sua filosofia política, uma vez que nesta os Estados Unidos são considerados a nação inocente, a nação redentora.

O milénarismo se concretiza com a modernidade

Com o surgimento da modernidade, uma onda de esperança messiânica se espalhou por toda a Europa. Nós a encontramos no messianismo judeu do *Sabbatai Zwi*, no apocalipse puritano, na “teologia profética” do século XVII, bem como no pietismo alemão (Comenius, Spener, Bengel, Öttinger)⁽¹⁵⁾. Esperanças escatológicas de tipo milenarista sempre existiram no cristianismo, mas com o advento da modernidade, surge um novo modo de enunciar o tempo: *agora* o tempo do cumprimento chegou. É *hoje* que essa esperança se realiza. Secularização não significa mundanização; ao contrário, é realização do religioso. É por isso que a época moderna foi chamada em alemão, de acordo com Joaquim de Fiori, de “novo tempo” (*Neu-Zeit*). Depois da Antiguidade e da Idade Média, esse *novo tempo* é a época final (*End-Zeit*) da história e a terceiro estágio do Espírito imediatamente divino. *Agora* a história do mundo se consuma, *agora* a humanidade será perfeita, *agora* começa o progresso em todas as dimensões. Se não há mais alternativa a essa *civilização humanitária moderna*, então ela representa de fato o fim da história, um paraíso pós-histórico e a-histórico, a *pós-história*⁽¹⁶⁾.

A ciência e a técnica restituem o ‘bem’ sobre a terra

¹² J. MOLTMANN. *Das Kommen Gottes. Christliche Eschatologie (O Deus que vem. Escatologia Cristã)*. München/Gütersloh, Kaiser, 1995. Tradução italiana: *L’Avvento di Dio. Escatologia Cristiana*. Brescia: Queriniana, 1998. Extrato desse livro foi traduzido e publicado no boletim CEPAT Informa nº. 55/1999, p. 9-13.

¹³ E. L. TUVESON. *Redeemer Nation. The Idea of America’s Millennial Role*. Chicago, University of Chicago Press, 1968; M. D. BRYANT, D. W. DAYTON (eds.). *The Coming Kingdom. Essays in American Millennialism and Eschatology*. New York, 1983.

¹⁴ O reverso do milénarismo americano, a apocalíptica moderna da literatura do último dia (*doomsday*), mostra-o claramente. A título de exemplo, o best-seller de HAL LINDSAY, *L’agonie de notre vieille planète*, Braine-L’Alleud, 1976.

¹⁵ Ver J. TAUBES. *Abendländische Eschatologie* (1947). München, Matthes & Seitz, 1991; R. BAUCKHAM. *Tudor Apocalypse. Sixteenth Century Apocalypticism, Millenarism and the English Reformation: from John Bale to John Foxe and Thomas Brightman*. Oxford, 1975. O livro do rabino superior de Amsterdam MANASSEH BEN ISRAEL (1604-1657), *Spes Israelis* (1650), teve um efeito considerável: dedicado ao lorde-protetor da *Commonwealth* britânica, teve por resultado a readmissão dos judeus na Inglaterra. Marjorie REEVES. *Joachim of Fiore and the Profetic Future*. London, 1976, mostra a que ponto o protestantismo inglês e a *Aufklärung* inglesa estavam influenciados pelo espírito joaquimista.

¹⁶ L. NIETHAMER. *Posthistoire. Ist die Geschichte zu Ende? (Pós-história. A história está no fim?)*. Hamburg: Rowohlt, 1989; F. FUKUYAMA. *La fin de l’histoire et le dernier homme*. Paris: Flammarion, 1992. Tradução portuguesa: *O Fim da História e o Último Homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Agora se realizou a dominação dos *santos* sobre os povos, agora foi restabelecida a dominação dos homens sobre a Terra. As ciências da natureza e a técnica restituem aos homens o que eles tinham perdido por causa do pecado original, a saber, o *dominium terrae* (Francis Bacon). Enfim os homens atingiram a idade adulta, pois as *Luzes* são “a saída do homem de sua minoridade, tornando-se ele mesmo o responsável (...), já que a causa consiste não em um defeito do entendimento, mas numa falta de decisão e de coragem de se autodeterminar sem ser dirigido por outro” (I. Kant). O *humano* é bom e pode se aperfeiçoar sempre mais. Esse *otimismo humanitário* da época das *Luzes* tem um fundamento milenarista: “nessa época final, Satã está acorrentado por mil anos”, a fim de que o bem possa se expandir sem obstáculo.

O novo messianismo: uma racionalidade que prescinde de Deus

O texto de Lessing de 1777 sobre *A Educação do gênero humano* tornou-se o escrito fundador da *Aufklärung* alemã. Ele é messiânico de ponta a ponta⁽¹⁷⁾. Lessing não faz outra coisa senão proclamar a terceira idade do Espírito e a consumação da história, prometida por Joaquim de Fiori. Essa etapa começa com a passagem de todos os homens racionais de uma fé eclesial única historicamente à fé racional generalizada. É nela que todo homem reconhece a verdade e faz o bem por si mesmo, sem que tenha necessidade de conselhos eclesiais, precisamente porque se trata do bem. Do religioso designio salvador de Deus, passou-se ao progresso da história. A Revolução Francesa, com seu *pathos* humanitário - “todos os homens são criados livres e iguais” - e com sua democracia, tornou-se para Immanuel Kant o sinal histórico do anúncio do desenvolvimento dos homens para o melhor. “Vemos, declara ele, que também os filósofos podem ter a sua utopia messiânica (*quilliasmo*)”⁽¹⁸⁾. O que Kant afirmava com isso é “a união perfeita e civil do gênero humano” em uma “sociedade das nações” (*foedus amphictyonum*) como garantia da “paz perpétua”. É uma idéia que, hoje, tornou-se incontornável nas declarações dos direitos humanos e na política das Nações Unidas, em vista à sobrevivência da humanidade.

O paradigma da modernidade não necessita de Deus

Quando nos damos conta desse messianismo da modernidade, compreendemos por que para Kant a questão religiosa não é mais “o que nos une à origem?”, ou “o que me vai dar a certeza para a eternidade?”; mas, antes, “que posso esperar?”⁽¹⁹⁾. Somente um futuro que a gente pode esperar dá sentido à vida na história e a todas as experiências e atividades históricas. E para a época moderna esse futuro esperado consiste em um novo paradigma, paradigma da transcendência para a transfiguração da história”.

¹⁷ FR. GERLICH. *Der Kommunismus als Lehre vom Tausendjährigen Reich (O Comunismo como ensinamento do Reino Milenar)*. München, 1921 mostra que Lessing foi influenciado pelo quilliasmo pietista do filósofo Chr. A. Crusius.

¹⁸ I. KANT. “Idéia de uma história universal do ponto de vista cosmopolita”, 8ª proposição; in: I. KANT. *Oeuvres philosophiques*. Paris: Gallimard, Pléiade, 1985. v. 2.

¹⁹ I. KANT. “Crítica da Razão Pura”, *Oeuvres philosophiques*. Paris: Gallimard, Pléiade, 1980. v I, p. 1365 (A 804): “todo interesse de minha razão (tanto especulativa quanto prática) se concentra nas três questões a seguir: Que posso saber? Que devo fazer? O que me é permitido esperar?”

DESTAQUES DA SEMANA

LIVRO DA SEMANA

O livro da semana desta semana é: **André GORZ, L'immatériel, Paris: Éd. Galilée, 2003.**

O autor: André Gorz, nascido em Viena, em 1923, de pai judeu e mãe católica, muda-se para a Suíça quando da anexação nazista da Áustria. Lá se torna engenheiro químico. Conhece Jean-Paul Sartre e, em 1948 adota a França como sua terra. Colabora ativamente na revista dirigida por Sartre, *Les Temps Modernes*, onde ele divulga e privilegia os marxistas críticos italianos do *II Manifesto*. Ele propõe uma teoria da alienação com **La morale de l'histoire**, Paris: Seuil, 1959. Com o livro **Stratégie ouvrière et néo-capitalisme**, Paris: Seuil, 1964, ele se lança numa crítica sem concessão do sistema capitalista modernizado dos Trinta Anos Gloriosos. Ele faz com que na França seja conhecido o pensamento de Ivan Illich e Herbert Marcuse. Cada livro dele suscita enormes debates e críticas. Assim, por exemplo, **Adeus ao proletariado**, publicado em francês em 1980, traduzido para o português. Em 1988 ele publica o importante livro **Métamorphoses du travail. Quête du sens**, Paris: Galilée, 1988, traduzido em várias línguas e em 1997 publica o livro **Misères du présent, richesse du possible**, Paris: Galilée, 1997. A tradução portuguesa deste livro está sendo preparada. André Gorz acaba de publicar o livro que apresentamos nesta semana. Neste livro, reflete como o 'capitalismo cognitivo' pilha tudo, inclusive a vida, que cada vez se torna uma mercadoria, produzida artificialmente.

*Reproduzimos a entrevista que André Gorz concedeu a Denis Clerc e Christophe Fourel e que foi publicada na revista **Alternatives Économiques**, número 212, março de 2003, páginas 68-71, por ocasião do lançamento do seu último livro. A tradução foi feita pelos nossos colegas do CEPAT – Curitiba aos quais agradecemos.*

“O VALOR DO CAPITAL IMATERIAL É UMA FICÇÃO DAS BOLSAS”

Alternatives Économiques: O seu novo livro **L'immatériel (O imaterial)**, trata da “economia do conhecimento”. O que o senhor entende por isso?

André Gorz: As expressões “economia do conhecimento”, “sociedade do conhecimento” circulam há 35 anos na literatura anglo-saxônica. Elas procuram caracterizar uma economia na qual os conhecimentos, mas também os saberes comuns, os afetos, a imaginação se tornam a principal fonte de valor e o principal componente do capital. Segundo dados americanos, mais da metade do valor acrescido e mais da metade da massa total dos lucros são atualmente criados pelos *knowledge workers* – trabalhadores do imaterial –, que representam, no entanto, apenas 20% da população ativa. A produção material será daqui para a frente subordinada à produção imaterial.

Alternatives Économiques: Mas o senhor afirma que o “capitalismo cognitivo” é a crise do capitalismo...

André Gorz: Ele é uma resposta à crise que tanto cria problemas quanto os resolve criando, por sua vez, outros diferentes. Nós entramos numa economia em que o conhecimento, a inteligência, o saber-fazer podem ser armazenados na forma de programas reproduzíveis em

quantidades ilimitadas por um custo desprezível. Esses programas são diretamente produtivos: eles podem calcular, gerir, coordenar, organizar, projetar, desenhar, etc. Eles permitiram a *reengineering*⁽²⁰⁾, a produção alijada e os fluxos estendidos. Eles permitiram enormes economias de tempo de trabalho na produção material. Com a contração do volume de trabalho material, o valor de troca dos produtos tende a baixar, assim como o volume dos lucros.

A parada desta tendência é habitualmente a busca de posições de monopólio. E é bem isso, a meu ver, que nós observamos sob formas relativamente novas. As empresas se identificam cada vez menos com sua produção material, cujo valor tende a baixar, e cada vez mais com os conteúdos imateriais, simbólicos, cognitivos, estéticos de seus produtos. Isto é, com os conteúdos cujo valor depende não mais de sua utilidade prática, mas do seu grau de desejo, intrinsecamente subjetivo, especialmente do prestígio, da imagem de si que as empresas procuram no cliente.

Os produtos de grande dimensão imaterial não são mais mercadorias normais de valor mensurável segundo um padrão de medida que lhe é comum; sua materialidade é o suporte, o vetor de um valor não mensurável, não intercambiável e não comparável, que não tem mais relação de equivalência com outras mercadorias. É o que chamo de monopólio simbólico, cujo 'logo' da marca é o emblema. Ele transfigura seus produtos em espécies de obras de arte cujo preço é independente do custo de produção e que não são intercambiáveis com outros.

O desenvolvimento do *leasing*⁽²¹⁾ vai na mesma direção da desmaterialização do produto. As empresas praticam o *leasing* para vender não mais seus produtos materiais, mas serviços sempre mais numerosos e inovadores, atrelados à locação de seus produtos. Estes serviços, especificamente ligados à marca do produto, são vendidos com uma margem de lucro muito superior àquela que poderia trazer a venda do produto. Além disso, eles tornam o cliente cativo da marca. Eles reforçam a posição de monopólio e a renda que ela procura. O caso da Microsoft é paradigmático nesse sentido.

Alternatives Économiques: Esta prática, na verdade, não é nova: há muito tempo as empresas tiram lucros de suas marcas, vendendo seus produtos mais caros do que as marcas menos conhecidas ou menos prestigiadas.

André Gorz: O que é novo é que o valor das mercadorias não é mais mensurável segundo um padrão de medida aplicável a todos; o próprio valor do capital escapa a toda possibilidade de medida. Em **A era do acesso**,⁽²²⁾ Rifkin mostra que as empresas desvinculam, cada vez mais freqüentemente, seu capital imaterial, dito intangível, de seu capital fixo material e de seu capital financeiro. O capital material é externalizado, alugado, e o capital imaterial, ou "capital inteligente", introduzido nas Bolsas. Ora, seu valor é fundamentalmente não mensurável, não determinável. O que vale o capital da Coca-Cola, da Nike ou do McDonald's, todas empresas que não possuem nenhum capital material, e mesmo o que vale a Microsoft? A resposta depende essencialmente da avaliação das rendas de monopólio que estas empresas obterão. Seu saber-fazer, sua organização, suas redes, seu prestígio, etc. não têm valor mensurável. Não mais, aliás, que a inteligência e os conhecimentos que elas preparam ou produzem. O valor do capital imaterial é essencialmente uma ficção das Bolsas.

²⁰ .- *Reengineering* (reconfiguração): reorganização das operações produtivas que, nos anos que vão de 1985 a 1995, permitiram reduzir, de maneira sensível, os efetivos de numerosas grandes empresas, por simplificação e automatização das tarefas administrativas.

²¹ .- *Leasing* (locação-venda): os equipamentos são alugados (pela empresa produtora ou por uma sociedade financeira que depende dela) à empresa que os utiliza durante um período conveniente e no final do qual resgata os equipamentos a um preço simbólico.

²² .- **A era do acesso. A transição de mercados convencionais para Networks e o nascimento de uma Nova Economia.** São Paulo: Ed. Makron Books, 2001.

Diz-se que a implosão da bolha das Bolsas empobreceu o mundo em 4 bilhões de dólares. Mas esses bilhões de dólares nunca tiveram uma existência efetiva. Se a queda da Bolsa demonstrou alguma coisa, é essencialmente a dificuldade intrínseca que há em querer fazer funcionar o capital imaterial como um capital, e o capitalismo dito cognitivo como um capitalismo.

Alternatives Économiques: Que conseqüências o senhor tira no que diz respeito ao funcionamento do sistema econômico?

André Gorz: O aspecto mais interessante da ausência de uma medida comum entre as diversas formas do capital imaterial e do trabalho imaterial é que ela coloca em crise as categorias tradicionais da economia política. Os fatores de produção deixam de ser mensuráveis, os indicadores macroeconômicos perdem sua pertinência, a medida do produto interno bruto (PIB) aparece como um indicador amplamente fantasista da riqueza produzida, uma vez que parte crescente das riquezas (especialmente os saberes, os conhecimentos, os bens culturais e as produções culturais, a qualidade do meio ambiente e todos os seres vivos) é não-mensurável, não-intercambiável, não-passível de ser apropriada, indivisível e não-consumível, portanto, sem valor mercantil. Mas é precisamente dessas riquezas sem valor econômico, dessas riquezas intrínsecas, primeiras, que dependem tanto a produtividade da economia visível, dita formal, como a qualidade da vida e seu sentido. Nele se criam riquezas intrínsecas que não são produzidas por nenhuma empresa, compatibilizáveis com nenhuma moeda, intercambiáveis com nenhum equivalente. Na base dessas riquezas, os indivíduos se produzem como seres humanos e produzem uma cultura comum. Não é um acaso se é precisamente agora que aparecem obras ao mesmo tempo filosóficas e econômicas que insistem na necessidade de redefinir a riqueza e seus indicadores – eu penso, particularmente, na reflexão coletiva lançada, em escala mundial, por Patrick Viveret.

Alternatives Économiques: Mas se o “capitalismo cognitivo” assenta sobre a utilização da inteligência e da cultura, há um belo futuro para ele!

André Gorz: Eu não me aproprio inteiramente da expressão “capitalismo cognitivo” nem das elaborações teóricas que estão por trás dela. A expressão foi forjada pelos membros do laboratório Matisse-Isys (do CNRS-Sorbonne), que publicaram muitas obras coletivas e a maior parte deles colaboram com a revista *Multitudes*, dirigida pelo Yann Moulier-Boutang. Este último considera o capitalismo cognitivo como “a terceira transição do capitalismo” – e não sua crise. Ele diz que esta transição, assim como as precedentes, se opera estendendo a exploração capitalista aos domínios que, até aqui, pertenciam ao domínio público e eram bens comuns, gratuitos, inapropriáveis. A empresa se apropria assim das capacidades, dos saberes e das competências que as pessoas desenvolvem nas interações cotidianas de seu tempo fora do trabalho, de sua capacidade de imaginação e de comunicação. Ela se apropria, em suma, da riqueza humana criada naquilo que eu chamo de economia invisível; ela incorpora, de alguma maneira, esta riqueza ao capital da empresa como capital humano, fonte humana gratuita, que é valorizada, colocada em prática, apropriada, tornada funcional a serviço dos fins da empresa e ocupada em se formar e a se transformar segundo as necessidades desta ao longo de toda a vida.

O capital humano, o capital cognitivo não pode funcionar como capital a não ser que seja privatizado. Sua apropriação privada se opera pela tomada de patentes e pelo controle privado dos meios de acesso ao conhecimento. A privatização obstaculiza a circulação e a difusão dos conhecimentos, sua colocação em comum, sua fecundidade máxima. Ela torna artificialmente rara uma riqueza que, potencialmente abundante, é apropriada a fazer nascer a economia da gratuidade e do dom, cuja superioridade é demonstrada pelas comunidades virtuais dos programas e das redes livres, na Internet.

A transformação em capital privado de todo o potencial da pessoa e a tendência a atribuir um valor monetário à sua duração de vida – é a *life time value* – encontram seu prolongamento natural, se assim podemos dizer, na privatização e na rarefação artificial das riquezas naturais em si mesmas abundantes, em particular das pessoas humanas em si. Trata-se desta vez de substituir o que é natural e potencialmente gratuito dos equivalentes artificiais, de patentear seres vivos, de genomas, da vida artificial, da inteligência artificial mais “competitiva” e, afinal de contas, de novas espécies “pós-humanas”, *cyborgs* em tudo superiores a nós. Abolir a natureza para capitalizar e comercializar seus substitutivos artificiais, este é o horizonte sobre o qual trabalha o “capitalismo cognitivo”. Ao tornar fagocitário as riquezas primárias e intrínsecas, ele ataca finalmente aquilo que torna as sociedades capazes de se colocar questões sobre si mesmas e sobre o sentido do seu desenvolvimento. A valorização econômica nunca foi tão destruidora de sentido, nem sua crise de legitimidade tão ampla e diversamente denunciada.

ENTREVISTA DA SEMANA

A entrevista desta semana é de Paul Virilio, urbanista e filósofo francês, autor de muitos livros entre os quais vários traduzidos para o português: **Estratégia da Decepção**, **Velocidade e Política**, **A Bomba Informática**, **O Espaço Crítico** e **A Velocidade de Libertação**. Entre os últimos livros publicados, na França, por P. Virilio estão: **Ce qui arrive**, Paris: Actes Sud, 2002 e **La Ville panique**, Paris: Galilée, 2002. A entrevista foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, em 6 de abril de 2003.

GUERRA CIVIL GLOBALIZADA

Folha - A respeito do conflito no Kosovo, o sr. escreveu ter sido instituída uma "estratégia da desinformação". Os Estados Unidos mobilizariam agora algo semelhante?

Paul Virilio - Utilizei a expressão em meu livro *Estratégia da Decepção*⁽²³⁾. A palavra *decepção* foi usada em seus dois sentidos: o "desinformar", mais próximo do significado em inglês, e o "decepcionar", mais próximo do significado em francês (e em português). Estamos todos desinformados e desapontados. Essa guerra vem mostrando ser uma catástrofe. É uma guerra acidental, preventiva, que escapou de sua natureza substantiva, clausewitziana (do pensador prussiano Carl Phillip Gottfried von Clausewitz (1780-1831), que seria a guerra como o prosseguimento da política por outros meios.

Folha - Por que os EUA não conseguiram convencer o mundo de que precisavam derrubar Saddam?

Virilio - Em verdade, os EUA "inventaram" o inimigo. Numa guerra tradicional, o inimigo se declara enquanto tal e, em resposta, declaramos a guerra contra ele. O extraordinário golpe que foi o atentado de 11 de setembro não possuía um inimigo "declarado". É claro que a guerra no Afeganistão foi uma resposta mais ou menos lógica ao grupo de Osama bin Laden. Mas era ainda preciso dar um rosto ao inimigo. O presidente George W. Bush foi então levado a "inventar". Saddam não foi um inimigo "declarado". Ocorreu uma negação da verdade política própria aos conflitos armados.

Folha - Até que ponto a atual guerra não seria legível sem a mídia, já que a mídia é fundamental ao processo de invenção?

²³ .- VIRILIO, Paul, **Stratégie de la déception**, Paris: Galilée, 1999.

Virilio - Em meu livro Guerra e Cinema escrevi que o campo de percepção de uma guerra é mais importante que o campo de batalha propriamente dito. Estamos agora em plena teletecnologia on-line. A conquista da telinha e a conquista do campo de percepção na esfera mundial se tornaram o objetivo da guerra em seu atual modelo, seja ela terrorista, como no WTC, seja ela internacional, com a do Iraque. Não estamos mais hoje em condições de separar o campo de batalha real e o campo de batalha on-line, virtual.

Folha - Esse campo virtual é também utilizado pelo lado iraquiano?

Virilio - Com certeza. Há agora uma diferença importante com relação à Guerra do Golfo, de 1991, que eu abordei em ensaio chamado L'Écran du Désert (A Tela do Deserto). Havia naquele momento uma fonte única de informação, que era o pool entre a CNN e o Pentágono. Isso gerou controvérsias por parte de agências, como a France Presse, que se sentiram excluídas do campo de batalha. Essas fontes estão hoje multiplicadas (Fox News, BBC, Al-Jazeera), o que torna a guerra mediática mais confusa.

Folha - Foi para acentuar a virtualidade que se incorpora às tropas o jornalista "encaixado" (dotado de câmara e equipamento de transmissão de textos e imagens)?

Virilio - Trata-se em verdade de um "gadget" (bugiganga). A partir do momento em que o governante designou seu inimigo - a relação de Bush com Saddam-, os jornalistas não estão mais livres de seus próprios atos. Se a guerra é ilegal do ponto de vista da ONU, se o inimigo foi inventado pelos norte-americanos, os jornalistas "encaixados" estão embarcados na ilegalidade dessa mesma guerra. O jornalista não tem liberdade em suas relações informativas com o inimigo. Em outras guerras essa liberdade existia. Como ela deixou de existir, como é que a informação pode ser livre? Não o é.

Folha - A informação se tornou um componente tático.

Virilio - A informação que deveria ser "democrática" não o é mais. Caímos então nos mecanismos clássicos da propaganda.

Folha - O sr. disse, há três anos, que a informação on-line era bem mais do que a propaganda.

Virilio - Obviamente. A informação é aquilo que chamei de "bomba informática"⁽²⁴⁾. Digamos, para simplificar, que segundo a física há na matéria três dimensões: a massa, a energia e a informação. A guerra seguiu essas três etapas. Ela se definiu enquanto guerra como guerra de massa, com massas de soldados, com o século 19 e as guerras napoleônicas ou com as grandes guerras do século 20.

O militar estava na ofensiva, enquanto a defensiva era feita por meio de fortificações, que são minha especialidade inicial, como urbanista. As cidades eram fortificadas por imensas muralhas. Havia a Muralha da China, o Muro do Atlântico. A segunda dimensão mobilizada pela guerra foi a energia. A energia necessária para propulsionar a bola do canhão - que tornou obsoletas as muralhas- e até a bomba atômica, que esteve na origem do equilíbrio entre duas superpotências até o final do século 20.

Folha - E a informação?

Virilio - A informação já existia em formas anteriores de guerras, com a espionagem ou a propaganda, com o reforço da fé religiosa nas Cruzadas. Mas hoje a dimensão informativa se torna primordial nos conflitos.

Folha - A informação não é mais instrumento de libertação?

²⁴ .- VIRILIO, Paul, **La Bombe Informatique**, Paris: Galilée, 1998. Este livro está traduzido para o português.

Virilio - Infelizmente, não. Albert Einstein dizia existirem três tipos de bombas: a bomba atômica, a bomba da informação e, para ele num futuro, a bomba demográfica. Estamos hoje atravessando o momento da explosão da bomba da informação, da bomba da informática. Esta última é bem mais perigosa que a bomba da informação da qual falava Einstein, porque na época os computadores não estavam tão desenvolvidos. Agora, com a interatividade, com a comunicação on-line, assistimos à fusão de opiniões.

Folha - Haveriam outras "bombas" ainda a caminho?

Virilio - Com certeza há algo que eu suponho que possa se tornar uma bomba genética, capaz de modificar o genoma e operar mudanças na raça humana.

Folha - O que sobrarão então do cidadão, tal qual o concebemos desde o final do século 18?

Virilio - A partir do século 19 assistimos à emergência de um fenômeno importante, que foi a padronização. Ocorreu a padronização dos objetos com a Revolução Industrial. Ocorreu uma padronização de opiniões, que falseia a democracia na medida em que a informação é apresentada de uma só maneira. Entramos agora no século 21 com algo bem mais agudo, bem mais grave, que é a "sincronização das emoções".

Folha - O sr. poderia explicar isso um pouco melhor?

Virilio - A transmissão ao vivo, a ocorrência e a percepção dessa ocorrência em tempo real favorecem não só a padronização das opiniões, mas também a possibilidade de as emoções serem simultâneas. Não foi preciso esperar por uma guerra para que tal fenômeno surgisse. Ele nasceu em experiências religiosas, com os telepastores. É algo que supera a dimensão da propaganda e se torna algo de perigosa importância cultural no plano globalizado. Podem existir ramificações positivas na sincronização das emoções, como o fato de, a 15 de fevereiro, 10 milhões de pacifistas terem saído às ruas em centenas de grandes cidades. Mas essa sincronização poderá mobilizar milhões de pessoas motivadas pelo ódio.

Folha - Pode-se falar em democracia quando a emoção está tão fortemente envolvida?

Virilio - Estamos diante de uma ameaça, que é a democracia pela emoção, cujo primeiro exemplo foi fornecido pelos nazistas e pelo uso que eles fizeram das emissoras de rádio que orientavam manifestações simultâneas na Alemanha. Conhecemos relativamente bem os fenômenos de alucinação e loucura coletiva que implicavam essas cerimônias.

Folha - É algo que tende a se implantar como modelo?

Virilio - Eu chamaria a atenção para o fato de não se tratar de algo conjuntural. É algo estrutural. Se a padronização da opinião já é uma ameaça para a democracia representativa, a padronização das emoções é uma ameaça definitiva contra qualquer projeto de democracia. Caminharíamos para aquela dimensão religiosa e irracional que existiu no paganismo.

Folha - A religiosidade tem sido um componente forte nos discursos de Bush e de Saddam.

Virilio - É terrificante. Acredito que a "guerra preventiva" é uma forma de crime contra a humanidade. Ela não será a primeira batalha de uma 3ª Guerra Mundial, mas o primeiro passo para uma espécie de guerra civil globalizada. Até aqui as guerras civis -e as mais mortíferas foram sempre as guerras de religião- estavam localizadas: a Comuna de Paris, a Guerra Civil Espanhola, a Bósnia. Mas agora ela se globaliza, por meio de apelos à guerra santa islâmica e os apelos paralelos à cruzada de Bush. É uma ameaça verdadeira contra a humanidade.

FRASES DA SEMANA

Allahu Akbar x God Bless America

“Óh! Meu Deus, proteja Bush!” – oração que consta no breviário distribuído a milhares de soldados no Golfo, cujas tropas são convidadas a invocar diariamente o Onipotente para o bem do presidente dos EUA – **Il Corriere della Sera**, 2-4-03.

“Oh! Senhor, que o Presidente e os seus conselheiros tenham boa saúde, estejam bem repousados, fortes e corajosos e façam o que é certo a despeito das críticas”. – livro de orações distribuído aos marines norte-americanos nos campos de guerra do Iraque – **La Stampa**, 2-4-03.

“Cantamos para infundir calma e elevar o moral das pessoas que defendem o país. Tenho um sentimento formidável dentro de mim, quando menciono o nome de Deus, pensando que os aviões deles serão abatidos pela vontade de Deus”. - **Muhammed Nasser**, muezim, explicando o que sente quando canta "Allahu Akbar" - Deus é grande! - e entoa orações e versículos do Alcorão que lhe vêm à mente na mesquita de Al-Buniya, em Bagdá, durante os bombardeios – **O Estado de São Paulo**, 2-4-03, transcrevendo reportagem do **Los Angeles Times**.

“Nós o amamos e pedimos a Deus para que nada de mal lhe aconteça”. - **Muhammed Nasser**, muezim, referindo-se a Saddam Hussein - **O Estado de São Paulo**, 2-4-03, transcrevendo reportagem do **Los Angeles Times**.

“No nome de Deus cada um de nós, que tem a sua religião, deve recordar que será ajudado por Deus para que possa vencer os seus inimigos. Os inimigos fugirão como malditos por Deus!” – mensagem de **Saddam Hussein** aos iraquianos e a todos os muçulmanos, pedindo que se lancem na 'jihad' contra os infiéis, lida pelo ministro da informação no dia 1º de abril – **Il Manifesto**, 2-4-03.

“Nós todos somos somente instrumentos do Altíssimo. As nossas vidas são sopros de vento. Se for necessário fazer-me explodir para defender um País islâmico contra a agressão de Moloch, eu o farei”. – **Muhammed Musab abd Allah**, aliás Robert Heft, canadense, 30 anos, convertido ao islamismo, pertencente a um grupo 'kamikase' ou 'mártir de Allah', no sul de Bagdá, em entrevista ao jornal **La Stampa**, 3-4-03.

Bush é religioso... e fanático!

“Os americanos sabiam tudo sobre o Iraque e das suas possibilidades de resistência, do apego dos iraquianos a sua terra. Os americanos estudaram uma estratégia, digamos, digna, isto é, de um conflito sem extravagâncias. Acreditaram no milagre. Estavam tão convictos de levar o bem, e não somente a democracia, que não podiam imaginar que seriam recebidos com hostilidades e ódio. Bush é religioso...” - **Jean Daniel**, escritor francês, fundador da revista semanal francesa **Nouvel Observateur**, em entrevista ao jornal italiano **Il Corriere della Sera**, 2-4-03.

“Há uma história que me foi contada por amigos italianos e que para mim soa como muito verdadeira. O cardeal enviado pelo Papa chega ante Bush e este lhe diz: “Monsenhor, eu o recebo, mas o Papa e eu não somos da mesma religião. Eu sou metodista. Há vinte anos eu era um alcoólico, hoje sou o presidente dos EUA, porque Deus o quis e eu, agora, estou realizando a sua vontade. Trata-se de uma cena de fanatismo religioso”. - **Jean Daniel**, escritor francês, fundador da revista semanal francesa **Nouvel Observateur**, em entrevista ao jornal italiano **Il Corriere della Sera**, 2-4-03.

Há mortos e mortos

"A realidade é que esta é uma cidade de 5 milhões de habitantes. Até agora, talvez cem pessoas tenham morrido. Não parece tanto assim, parece?" – **Peter Arnett**, jornalista, entrevista à **Folha de S. Paulo**, 1-4-03.

"Transponha o raciocínio (de Peter Arnett) para outra cidade, outro momento, outras mortes. Tomemos Nova York e os 3.000 mortos nos atentados de 11 de setembro. Como Nova York tem 8 milhões de habitantes, se se seguir à risca o obscuro raciocínio de Arnett, seria possível dizer que os mortos 'não parecem tantos assim, parecem?" – **Clóvis Rossi**, jornalista, comentando a entrevista do colega norte-americano, no artigo 'Há mortos e mortos' – **Folha de S. Paul**, 2-4-03.

"Destruirão todo o país, menos um homem, ele". – comenta sarcasticamente um iraquiano, vendo os destroços do edifício que abrigava o comando da aeronáutica, bombardeado pela segunda vez e completamente destruído, restando entre os destroços a estátua, intacta, de Saddam Hussein – relato de Giuliana Sgrena, correspondente de guerra em Bagdá – **Il Manifesto**, 2-4-03.

A crise ética do capitalismo

"A fraude contábil na WorldCom Inc. pode atingir US\$ 11 bilhões". – manchete d'**O Estado de São Paulo**, 2-4-03.

Bem e Mal !?

"Qual é o sentido das proporções do bem e do mal, dos contrastes e das transições entre um e outro, numa sociedade que acossa um presidente, o humilha levando-o à beira da destituição por abusar de uma bolsista, mas é incapaz de meter no cárcere um presidente e uma equipe de governo que durante meses planeja e finalmente executa um crime massivo contra um povo? Como se vinculam a hipocrisia de um puritanismo decadente com a vitória impune a que conduzem os negócios sem regras, sem esfera pública?" – Nestor Garcia Canclini, antropólogo argentino radicado no México, no artigo 'Cruzada de sonámbulos', **Clarín**, 5-4-03.

Boicote!

"Não acredito que o boicote aos produtos americanos seja capaz de influenciar os rumos da guerra. Mas como sinal de protesto eu apoio o boicote" – **Georg Sterzinsky**, cardeal-arcebispo de Berlim, numa declaração que suscitou muitas reações na opinião pública alemã – **Der Tagesspiegel** 5-4-03.

Um apocalipse cego

"Qualquer que seja a saída, para mim esta guerra é injustificada, inútil, no curto prazo, grávida de perigos imprevisíveis e de uma instabilidade geral exatamente o contrário dos seus fins proclamados". – **Claude Lanzmann**, diretor da revista **Les Temps Modernes**, no artigo 'Une apocalypse aveugle', publicado no **Le Monde**, 31-3-03.

Gorbaciov: estou pessimista!

"Estou pessimista. Se a guerra continuar por um longo tempo, poderemos assistir a uma 'mística' de brigadas internacionais em todas as comunidades muçulmanas da Europa. Haverá fatalmente jovens tentados por esta lógica, seja porque estão desempregados, seja porque são intelectuais islâmicos. Ajudem os irmãos iraquianos! Eis o grito. E a guerra, então, estourará entre as comunidades". - **Mikhail Gorbaciov**, em artigo publicado no jornal italiano **La Stampa**, 2-4-03.

A única saída

“Só uma saída: parar a ação militar dos EUA no Iraque por meio de uma decisão do Conselho de Segurança da ONU”. - **Mikhail Gorbaciov**, em artigo publicado no jornal italiano **La Stampa**, 2-4-03.

“Pára! Acabas de matar uma família!”

“Pára de atirar! Acabas de matar uma família, porque não deste um disparo de advertência a tempo!” – **Johnson**, chefe do pelotão, gritando pelo rádio, a ordem de parar de atirar contra civis num furgão, matando uma família inteira – **El País** e **The Washington Post**, 2-4-03.

“Ninguém é tão estúpido que prefira a guerra à paz. Na paz, os filhos enterram os pais, enquanto que na guerra os pais enterram os filhos: mas é do agrado dos deuses que haja a guerra” – **Heródoto** | 87,4.

“No decurso da primeira guerra mundial, 5% das perdas de vidas eram de civis. Na segunda guerra mundial, as mortes de civis superaram os 50%. Nos anos 1990, as vítimas civis das guerras chegaram a 80%”- **La Stampa**, 3-4-03

“Como o eunuco que tenta violar uma jovem, assim é aquele que quer fazer justiça com a força” - Livro do **Eclesiástico** 20, 4.

EUA: Um perigo único!

“Os Estados Unidos são a tentativa única e moderna de uma representação universal da humanidade, e por essa mesma razão eles representam também um perigo único” – **Jürgen Moltmann**, teólogo alemão, no livro **Dio nel progetto del mondo moderno. Contributi per una rilevanza pubblica della teologia**. Brescia: Queriniana, 1999, p. 13.

“Ainda hoje todo presidente norte-americano invoca em seu discurso inaugural ‘a fé messiânica de nossos pais’; o papel escatológico da América (**the millennial role of America**) aparece em sua filosofia política, uma vez que nesta os Estados Unidos se consideram como ‘the innocent Nation’ e por isso, ‘the redeemer Nation’, (a nação redentora e redentora)” - **Jürgen Moltmann**, teólogo alemão, no livro **Dio nel progetto del mondo moderno. Contributi per una rilevanza pubblica della teologia**. Brescia: Queriniana, 1999, p. 14.

“O Fórum Social Mundial até agora se concentrou no poder das multinacionais e nas instituições neoliberais. Mas Friedrich von Hayek, inspirador do ‘Consenso de Washington’, acreditava firmemente que as guerras serviam para reforçar o novo sistema. O Fórum Social Mundial deveria pensar em fazer uma campanha contra a presença militar dos EUA nos 120 países. Porque no final das contas, a economia não é mais do que uma forma concentrada de política, e a guerra é uma continuação de ambas por outros meios” – **Tariq Ali**, escritor paquistanês, autor do livro **O Choque dos fundamentalismos** e ativo participante dos Fóruns Sociais Mundiais, realizados em Porto Alegre, no artigo ‘Un alarde descarado de poder imperial’, publicado no jornal **El País**, 3-4-03.

Mortes no Campo

“Nos primeiros meses deste ano já foram assassinados 10 trabalhadores rurais - 10% a mais que no mesmo período do ano passado”. - nota da Assembléia Geral da CPT – **O Estado de São Paulo**, 2-4-03.

Salário Mínimo – R\$ 240,00

“Vamos ter de passar muita vergonha, não há outra saída”. - assim resumiu um petista moderado ao final de um dia em que o governo Lula anunciou o novo salário mínimo – **Folha de São Paulo**, 2-4-03.

“Ao fixar o salário mínimo em R\$ 240,00 o presidente Luiz Inácio Lula da Silva demonstrou mais uma vez seu senso de responsabilidade e de oportunidade, esquecendo os tempos em que o PT defendia intransigentemente um reajuste incompatível com a situação econômica do País”. – editorial d’ **O Estado de São Paulo**, intitulado ‘O Mínimo que era possível’, 2-4-03.

“O governo perdeu uma boa oportunidade de distribuir renda agora, no reajuste do salário mínimo. Segundo o próprio IPEA (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e todos os economistas sérios deste país o salário mínimo é o grande instrumento para distribuir renda. Ao contrário do que sindicalistas pelegos estão dizendo, nunca o salário mínimo foi inflacionário, ainda mais numa sociedade desigual como a nossa” – **João Pedro Stédile**, líder do MST – **Jornal do Brasil**, 6-4-03.

“Segundo o Dieese, o salário mínimo deveria ser de R\$ 1.399,10. Esse seria o valor correspondente aos gastos familiares que o piso salarial deveria cobrir”. – **O Estado de São Paulo**, 2-4-03.

Nivelamento lingüístico

“Um grupo de lingüistas a serviço da Unesco, constata que, desde os anos 1990, prosseguiu a um ritmo sem precedentes o desaparecimento de línguas minoritárias. Desde o início do século XX, 90% delas desapareceram” – reportagem publicada no **Le Monde**, 1-4-03, intitulada ‘Un comité d’experts s’alarme du nivellement linguistique mondial’ (Uma comissão de expertos se alarma com o nivelamento lingüístico mundial).

“Neste ritmo de desaparecimento das línguas minoritárias, vinte a trinta línguas desaparecerão a cada ano” - **Colette Grinevald**, pesquisadora do Laboratório dinâmico da linguagem, CNRS/université Lyon 2 – **Le Monde**, 1-4-03.

“Hoje aproximadamente 96% da população mundial fala somente 4% das línguas existentes” - **Colette Grinevald**, pesquisadora do Laboratório dinâmico da linguagem, CNRS/Université Lyon 2 – **Le Monde**, 1-4-03.

“Os pais são convencidos pela sociedade de que a transmissão da sua língua aos filhos constituirá um obstáculo para a sua integração” – **Colette Grinevald**, pesquisadora do Laboratório dinâmico da linguagem, CNRS/Université Lyon 2 – **Le Monde**, 1-4-03.

EVENTOS IHU

IHU IDÉIAS

PAIXÃO E IDENTIDADE NO FUTEBOL

Com o cenário vermelho, a prof^a. Dr^a. Berenice Corsetti, vice-diretora do Centro de Ciências Humanas, abordou o tema *Sport Club Internacional: a construção de uma identidade*, na última edição do *IHU Idéias*, dia 3 de abril.

Berenice apresentou o projeto *Criança Colorada*, através do qual o Clube incentiva crianças das escolas do Rio Grande do Sul à participação esportiva e inserção no grupo definido, culminando na socialização e na construção de uma identidade dos jovens.

O público, composto por gremistas e colorados, compartilhou com a professora, no debate final, depoimentos pessoais sobre a paixão pelo time e sua relação com a construção da identidade.

Ecos do Evento

“É excelente a idéia de trazer essa temática para a abordagem nesse espaço, pois ela une o aspecto acadêmico com a vivência pessoal de cada um. Eu sugiro que seja feito, em próximas edições, algum resumo de conteúdo para distribuir aos participantes. A iniciativa do projeto Criança Colorada é produtiva, mas não faz nada sozinha. O interessante é a interferência positiva produzida nas crianças”.

Gustavo Fischer, professor do Centro de Ciências da Comunicação.

“Muito interessante a explanação. Em primeiro lugar, porque sou colorado, mas também pela abordagem da construção da identidade como fenômeno social. Sugiro que se trabalhe, numa próxima edição do IHU Idéias, o surgimento dos clubes de futebol aliado ao desenvolvimento econômico da região do Vale dos Sinos”.

Douglas Rodrigo, aluno do curso de História da Unisinos.

O RUÍDO DE GUERRA E O SILÊNCIO DE DEUS

Na próxima semana, dia 10 de abril, o tema do IHU Idéias será "O ruído de guerra e o silêncio de Deus", com o Prof. Dr. Manfred Zeuch, professor da Universidade Luterana do Brasil - ULBRA e professor visitante da Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia - CEC.

Lembramos que o evento acontece nas quintas-feiras das 17h30min às 19h, na sala 1C103. No final do evento, como já é tradição, é servido café, água e suco de laranja.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL INICIA COM GILBERTO FREYRE

No próximo **dia 10 de abril**, iniciará o **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, novo projeto do IHU. Na ocasião, o prof. Paulo Staudt Moreira, do PPG em História, da Unisinos, estará apresentando a obra **Casa grande e senzala**, de Gilberto Freyre, das 14h às 17h, na sala 1C103, no Centro de Ciências Humanas da Unisinos.

Paulo Roberto Staudt Moreira é doutor em História, pela UFRGS. Sua tese intitula-se *Os Cativos e os Homens de Bem - Práticas e representações sobre cativo e liberdade em Porto Alegre na segunda metade do século XIX*. IHU On-Line conversou com o Prof. Staudt sobre o Brasil de Gilberto Freyre.

IHU On-Line- Por que Gilberto Freyre para estudar o Brasil?

Paulo Staudt Moreira- Gilberto Freyre é um autor básico da historiografia da escravidão. Os historiadores se dividem a favor e contra ele. Ele lança uma idéia contemporânea de identidade

nacional. Muitos têm certo nó na garganta ao estudar Freyre, porque ele era politicamente conservador. Entre outras coisas, em 64, apoiou o golpe. Eu, particularmente, estou familiarizado com o autor, porque fiz minha tese de doutorado sobre a escravidão e faço, também, um trabalho em comunidades remanescentes dos quilombos.

IHU On-Line- De que forma *Casa Grande e Senzala* conta o Brasil?

Paulo Staudt Moreira- Freyre escreveu essa obra em inícios da década de 30, período de busca de entendimento do Brasil. É época em que o Governo Vargas faz uma releitura do País, e, ao mesmo tempo, Sérgio Buarque de Holanda, Oswald de Andrade, contemporâneos de Freyre, todos da Semana de Arte Moderna, tentam, cada um de sua forma, mas com uma vontade muito grande, repensar o Brasil. Tanto Freyre, em ***Casa Grande e Senzala***, como Buarque de Holanda, em ***Raízes do Brasil***, que será abordado pela prof^a. Eliane Fleck, na segunda etapa do *Ciclo de Estudos sobre Brasil*, e Caio Prado Jr, com o livro ***História Econômica do Brasil***, para entender o presente, olham para o passado, para o Brasil Colônia. Para Freyre, os portugueses que colonizaram o Brasil tinham menos preconceitos raciais que os espanhóis, porque já tinham convivência com africanos, o que é uma visão deturpada da história. Freyre encontra um passado sem conflitos, sem preconceitos raciais, o que explica o sucesso dele nos Estados Unidos. Buarque faz a mesma coisa, mas com resultados opostos. Ele vê a dificuldade dos colonizadores na ordem privada e o grande problema para ver o bem público. O “jeitinho brasileiro”, aquilo de ter um padrinho, de sair da norma que seria o espaço comum a todos, mostra a dificuldade de tratar com a questão pública e a tendência a privatizar tudo.

IHU On-Line- O que fez esse autor se converter em ponto de referência obrigatória nos meios acadêmicos?

Paulo Staudt Moreira- Freyre tem sido retomado pela sua inovação e pela sua metodologia. José Honório Rodrigues o define como “conservador revolucionário”. Conservador, por ver um passado sem conflitos, além de um escravismo benigno e um Brasil contemporâneo sem conflitos raciais. Inclusive, na época em que Freyre estudou nos EUA havia lá uma reivindicação muito grande pelos direitos raciais, e ele afirmava que aquele conflito presente nos EUA, no Brasil estava resolvido, por isso eles financiaram um projeto de estudos do Brasil. Por outro lado, ele é revolucionário, porque é o primeiro historiador cultural que se interessa por temas que eram considerados menos importantes, como a sexualidade e a questão racial, e inova na questão metodológica, usando fontes até o momento inexploradas, como jornais, por exemplo. Ele foi deputado da Assembléia Constituinte em 1947 e foi indicado para o Prêmio Nobel da Literatura por Jorge Amado, que era do Partido Comunista, o que mostra como ele era uma figura que transitava entre grupos muito diferentes.

Confira a programação das próximas edições do Ciclo de Estudos sobre Brasil:

Dia **8 de maio**, das 14h às 17h, na sala 1C103, o livro a ser abordado é ***Raízes do Brasil***, de Sérgio Buarque de Holanda, pela prof^a. Eliane Cristina D. Fleck, do PPG em História da Unisinos.

No dia **5 de junho**, no mesmo horário e local das sessões anteriores, a professora Márcia Lopes Duarte, do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, apresentará a obra ***Os Sertões***, de Euclides da Cunha.

Finalizando a etapa, no **dia 12 de junho**, o tema a ser trabalhado será **A construção do Brasil: idéias sobre a identidade nacional**. Será no Auditório Maurício Berni, Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, das 20h às 22h, com palestrante a confirmar.

Inscrições- Os interessados devem entrar em contato com o setor de Admissão e Matrícula da Unisinos, pessoalmente, ou através da linha direta (51) 591.1122. O custo da inscrição é de R\$ 20,00 para as quatro etapas. Será fornecido certificado por frequência. Alunos e alunas de alguns cursos de graduação podem ter as horas do evento contadas como horas complementares em seu currículo de curso. São eles: Serviço Social, Letras, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Administração de Empresas, Comércio Exterior e Ciências Econômicas. Para maiores informações, entrar em contato com a Secretaria do IHU, através do telefone: (51) 590.8223.

IHU REPÓRTER

IHU Repórter traça o perfil de:

UDO KUNERT

*O professor Udo leciona História no Centro de Ciências Humanas aqui da Unisinos e é leitor de **IHU On-Line**. Amante da natureza, ele revela a paixão por sua atividade secundária - a escultura em pedra sabão.*



Origens e infância - Meus pais se conheceram em Palmitos, Santa Catarina, e lá se casaram. Eu nasci no Hospital Moinhos de Vento, aqui em Porto Alegre. Logo em seguida voltamos para Palmitos. Meu pai foi então transferido para o município de Três Forquilhas, no interior de Osório. Fiquei lá até os nove anos. O pai era pastor luterano. Lembro que a paróquia de Três Forquilhas era pobre e a população, desmotivada. Meu pai tentou fazer um trabalho de remotivação. Foi vereador pelo PTB e passou a trabalhar na Câmara Municipal, em Osório. Foi bom de morar lá. Eu brincava com os amigos, andava com o cavalo que era do meu pai. Depois disso nos mudamos para Taquara, onde ficamos durante 4 anos.

Formação - Estudei no Colégio Sinodal. Prestei vestibular para História aqui na Unisinos. Na mesma época ingressei no Serviço Militar, por um ano. Fiz estágio militar em Cruz Alta por 45 dias. Na volta, retomei o curso aqui na Unisinos. Fiz curso de especialização em História da Cultura, na PUC, em Porto Alegre.

Profissão - Em agosto de 1970 passei a ser professor do Colégio Sinodal, onde estou até hoje. Trabalhei na PUC de Porto Alegre de 1980 a 1986, ano em que comecei a dar aulas na Unisinos até os dias atuais. Desde março de 2002 também passei a ser professor nas Faculdades de Taquara.

Filhos - Sou pai da Ana (20) e do Henrique (23). Os dois cursam Psicologia. A Ana em São Paulo e o Henrique na Feevale. Procuo incentivar nos meus filhos a preocupação com a natureza e o respeito em relação às pessoas e à vida. É importante que eles tenham uma forte ligação com o chão, com suas raízes.

Autor - Umberto Eco

Livro - O Nome da Rosa, de Umberto Eco

Filme - Derzu Uzala, de Akira Kurosawa

Na TV - Documentários

Uma paixão - Fazer esculturas em pedra-sabão. Tenho peças em galerias e museus de Porto Alegre e já vendi mais de 500. Comercializo somente para custear as ferramentas. Vendo peças até por encomenda.

Planos pessoais - Um dia desses conseguir morar em meio à natureza, no mato ou na praia, entre os pescadores. Gosto do folclore, dos costumes dos pescadores, que prezam a igualdade e a solidariedade entre eles.

Horas livres - Passear em Gramado, ler e produzir esculturas.

Um presente - Um abraço.

Momentos felizes - Quando conheci a minha atual companheira, Luciane. Estamos meio de "namorico". Também lembro com carinho o convívio com meus filhos, brincar e correr com eles. Sem falar da minha infância, o convívio com meus pais, a pescaria no açude, tudo isso me dá saudades.

Unisinos - Local de debate, troca e enfrentamento de idéias, onde se busca a constante renovação do conhecimento. É admirável o parque que envolve a Universidade, com animais silvestres.

IHU - Fiz contato com o IHU só em 2002 e participei das atividades dentro do possível, como o plebiscito da Alca e o Simpósio Bem Comum e Solidariedade. Ainda não o conheço muito a fundo, leio sobre ele, mas falta tempo para descobrir mais. Sei que o IHU preenche um espaço importante na Universidade, por trabalhar com projetos sociais e transformar a consciência das pessoas. O Simpósio Bem Comum e Solidariedade e esse Simpósio da Água que está por acontecer, são eventos que questionam a consciência. O IHU traz à tona os fatos para que as pessoas se dêem conta do que está se discutindo em determinado tempo. Além da formação acadêmica, o IHU está sempre "antenado", procurando brechas de acontecimentos e novidades sempre à frente.

Um grande sonho - Conhecer a Espanha, mais precisamente Barcelona. Me encanta por sua produção artística e irreverência.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Área social

No dia 31 de março, a coordenação do Instituto Humanitas Unisinos reuniu-se com a ex-aluna da Unisinos, Adilis Teresinha Silva Almada. Ela veio apresentar ao IHU uma proposta de gestão de projetos sociais alternativos.

Pedra

No dia 31 de março, a coordenação reuniu-se com o prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, coordenador do Programa de Estudos sobre Desenvolvimento e Autonomia no Vale dos Sinos (Pedra), do IHU, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas e coordenador do Curso de Ciências Sociais da Unisinos.

Simpósio Internacional: Água: Bem Público Universal

A comissão coordenadora do Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal* esteve reunida no dia 31 de março para definir questões referentes ao evento, que acontecerá nos dias 20, 21 e 22 de maio próximos. Além da coordenação do IHU, participaram da reunião os seguintes membros da comissão: prof. Dr. Leonardo Maltchick, Telmo Adams, representando a Cáritas/RS, prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo, Rogério Delanhési, da Área de Negócios da Unisinos, Alexsander Penz Mendes, da Central de Eventos da Unisinos, e o jornalista Deivison de Campos.

Humanitas Arte

O projeto do evento *Humanitas Arte* foi entregue ao prof. Vicente de Paulo Oliveira Sant'Anna, Pró-Reitor Comunitário e de Extensão da Unisinos, durante reunião com a coordenação do IHU, no dia 1º de abril passado. O projeto será lançado pelo IHU durante o Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal*.

INTERATIVO

CARTAS DO LEITOR

“Alegra-me e comungo com as iniciativas do Instituto Humanitas Unisinos, pelo trabalho comprometido que desenvolve para colaborar com o bem da humanidade e do povo brasileiro, procurando respostas que facilitam a solução de seus problemas, adequadamente”.

Pe. Giampietro Cornado, sj,
Provincial da Bahia.

É com alegria que estamos comunicando o final de nossa programação do mês de março, relacionada ao evento **Protagonismo, educação e gênero** (cf. IHU On-Line nº 50, de 10 de março de 2003). No decorrer das oficinas temáticas e da realização do programa de prevenção

e educação em saúde, um número expressivo de mulheres (e homens – 4 participantes) protagonizaram ativamente o evento, que somou um total de 218 pessoas. Como coordenação do evento, nos sentimos gratificadas em ver que a extensão pode constituir-se em um dos espaços ricos de aprendizado, não só para alunas e alunos que nos procuram para formação, mas principalmente para segmentos das classes populares, que teriam dificuldades de usufruir da universidade, em outras modalidades de educação. É a materialização (em parte) de nosso projeto ético-político e maior coerência com a Missão da Universidade e Objetivos.

Profª MS Clair Ribeiro Ziebell
Coordenadora

SALA DE LEITURA



“Indico o livro **As origens do pensamento grego**, de Jean-Pierre Vernant. Editora Difel, Rio de Janeiro, 2002, 144 páginas. O livro apresenta o quadro histórico que precede o desenvolvimento das condições sociais, políticas e tecnológicas em que vai se dar o nascimento da razão grega. Sobre esse quadro, elabora a crise da soberania micênica e a subsequente constituição da *polis*. Interessam, para a referência contemporânea, particularmente dois ângulos, na viabilização do pensamento grego tal como o conhecemos: a tomada de consciência de si próprio e o fato de que a política se objetiva como debate público. Os processos agonísticos (com tudo o que lhes é inerente como condição e como processo) podem ser, hoje, uma necessidade fundamental em mais de uma instância da sociedade. A leitura me permitiu entrever o valor de determinados conceitos clássicos, quando transferidos (*mutatis mutandis*) para problemas concretos da sociedade – inclusive (caso de minha pesquisa atual) na reflexão sobre as potencialidades do debate na construção de uma crítica mediática”.

Prof. Dr.
José Luiz Braga, doutor em Ciências da Informação e da Comunicação, mestre em Sistemas Instrucionais e professor do PPG em Ciências da Comunicação da Unisinos.



“A minha sugestão é o livro **A filha do Restaurador de Ossos**, de Amy Tan. Rio de Janeiro, editora Rocco, 363 páginas, 2002. É um romance denso e sensível. É a história de mãe (chinesa) e filha (americana), ambas com fantasmas que as perseguem, mas em contexto bem distinto. À medida que a história é narrada elementos atuais, vividos nos EUA, vão se mesclando com partes relatadas de um tempo bem distante em um vilarejo na China. Os conflitos de geração e cultura são bem evidentes, especialmente na relação entre mãe e filha. É uma daquelas obras que não se consegue parar de ler, mas à medida que vai chegando ao final não desejamos que acabe, pois somos impregnados com as vivências e reflexões passadas pelo autor”.

Profª Drª. Márcia Regina Vítolo, doutora em Ciências Biológicas, mestre em Ciências (Fisiologia Humana), professora do curso de Nutrição e coordenadora executiva de pesquisa, Centro de Ciências da Saúde.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é o boletim semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU) com uma versão eletrônica enviada por e-mail nas segundas-feiras, ao meio-dia, e uma versão impressa que é distribuída, no final da tarde de segunda-feira, internamente na Universidade. **Coordenador do IHU:** Prof. Dr. Inácio Neutzling. **Coordenadora adjunta:** Prof^a Ms. Vera Regina Schmitz. **Redação:** Inácio Neutzling, Sonia Montañó e Graziela Wolfart. **Revisão:** Mardilê Friedrich Fabre. **Fone:** 5903333 ramal 1173 ou 1195. **E-mail:** lhuinfo@poa.unisinos.br



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS